

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e EUCLYDES FIGUEIREDO

N.º 28

Rio de Janeiro, 10 de Janeiro de 1916

Anno III

EDITORIAL

A instituição do patriotismo.

HA palavras que á custa de serem machinalmente repetidas perdem a significação, o brilho e até mesmo a alma, por mais alta que seja a sua linhagem etymologica.

Patriotismo, no Brazil, está neste caso.

Não ha nada mais vago e indefinido, e que se preste a tantas espertezas, do que seja esse vocabulo prostituido. Os mais mesquinhos interesses individuaes insinuam-se pelas dobras desse nome. Com elle nos labios o demagogo conspira contra a ordem social e politica, ou, em synthese, contra dem social, corrompendo para esse miseros proprios elementos encarregados da inutenção dessa ordem. Os factos anti-s, modernos e recentes da intromissão forças armadas em perlengas partidas são um testemunho da veracidade esta afirmação. Por patriotismo commet-n-se os maiores attentados contra a tria.

Não queremos dizer que os brasileiros sejam capazes do sentimento nobre e esse vocabulo traduz em sua elevada cepção. O que afirmamos é que ainda ha o discernimento patriotico, o que pôde ser dado por uma educação civi-bem orientada e bastante diffundida,

que venha sendo ministrada desde o seio materno até as instituições da defesa nacional.

A sublime noção do sacrificio pela Patria não existe na consciencia do povo. A maior desgraça que possa ameaçar esta terra não terá força capaz de fazer que os brasileiros se levantem como um bloco para a resistencia.

A ignorancia pôde ser considerada como factor, mas a indifferença egoistica e criminosa das classes mais favorecidas é a verdadeira determinante dessa deplo-ravel falta de cohesão moral e social.

Aninha-se á maravilha na embaciada consciencia dessas classes a theoria immor-al, mas muito commoda, «de que a Patria que todos gozamos, deve só ser defendida pelo pobre, pelo desprotegido e pelo negro».

Em consequencia da falta de educa-ção civica esses brasileiros quasi que perdem de todo o sentimento de nacionalidade. O civismo de que podem ser capazes está ainda em estado latente e, coisa curiosa, não emerge dessa estagnação doentia diante dos sofrimentos e dos perigos patrios, mas desabrocha em estos entusiastas para louvar e admirar a sublime abnegação dos franceses ou dos allemaes que derramam sangue e vida pelos campos de batalha em defeza da sua Patria.

Pelo Brazil elles não teem esse ardor civico, talvez com razão, porque aqui desde o berço «elles ouviram sempre falar em farda como um castigo e em soldado como uma volta».

E' contra este estado de indifferença criminosa que é preciso reagir.

Os meios de reacção efficaz são simples, dependendo apenas de um plano de conjunto; acções isoladas de quasi nada valem. Seria facil enumeral-os, mas é ainda mais facil e mais pratico apresentar um exemplo concreto, o **exemplo da Argentina**.

Em seu livro «Argentina Militar e Naval», o 1º tenente Genserico de Vasconcellos, ex-addido militar do Brazil na Republica Argentina, expõe os methodos que esta nação practica para a organisação definitiva do seu caracter de nacionalidade indestructivel. Desse livro, cuja leitura recomendamos com carinho, extrahimos os seguintes trechos:

«A educação guerreira do povo argentino começa na escola primaria, onde os mestres pregam a doutrina de um elevado e ardente patriotismo e entôam canticos á energia e ás virtudes militares.

No dia 25 de Maio de cada anno, data em que se commemora a independencia, realiza-se, ao mesmo tempo, nas 6.000 escolas elementares de toda a Argentina, a festa solemne do juramento á bandeira.

A transcripção da fórmula do juramento revela as tendencias do patriotismo argentino:

«Creanças! Esta bandeira gloriosa representa a Patria dos Argentinos! Prometei render-lhe vossa mais respeitosa e sincera homenagem; querei-a com amor immenso e dedicai-lhe, desde a aurora da vida, um culto fervoroso e inapagavel em vossos corações; preparai-vos desde a escola para praticar a seu tempo, com toda a pureza e honestidade, as nobres virtudes inherentes ao cidadão; estudai, com empenho, a historia de nosso paiz e a de nossos grandes bemfeiteiros, afim de seguirdes seus traços luminosos e afim, tambem, de honrardes a bandeira, para que se não amorteça jámais em nossas almas

o delicado e generoso sentimento que forja a alma do cidadão á Patria; em uma palavra: proarando-o para o cumprimento tudo o que estiver na medida das esforçadas militares. Em quasi todos os forças, para que a bandeira argecundarios, elle receberá insmule sempre sobre nossas muralhas ministrada por officiaes do topo das universidades, ouvirá tambéz e na testa das nossas leves professoras, palavras que que a honra seja seu alimento, patriotismo e recordem e ali sua auréola, a justiça sua empatia, nacionalista e o culto das

A estas palavras, as creanças,

o braço direito para a bandeira..... dem:

«Sim, prometto.»

Da cartilha civica adoptada las primarias:

«¿Cuáles son los deberes ciudadano?»

— El primero, amar á la que a nuestros Padres. Antes Porque, como ha dicho el nuestro, Ricardo Gutiérrez:

«¡ Cuando el lamento de la Patria Hasta el lamento de la madre

— ¿Que quieren decir e

— Quieren decir que cada

hasta las madres mandan sus hijos

fenderla, aunque sepan que fu

por la Patria.

— ¿Puede usted enumerar

pales deberes de todo buen

ano no Brazil.

— Si señor: 1º — Amar

2º — Amar y respetar á los

Amar y proteger á los hermanos

familia. 4º — Obedecer las leyes

mentir jámas. 6º — Ser leales y honrados en las relaciones

las personas.»

Despertado na alma juventu-ça, aberta aos sentimentos de lheirescos, o dever imperioso pela Patria, é natural que mai- cumpril-o, sempre que um b- echôe pela planura immensa repercuta nas quebradas e Andes magestosas. Mas não

mas ou organizam em tempo a sua defesa ou amanhecem um dia manietadas, amordaçadas, estranguladas. Desta sorte, enquanto se não realiza o eterno sonho da paz universal, o melhor pacifista ha de trazer na mão o ramo de oliveira e no peito... a cotta de malha.

Eis o transumpto dos pequenos escriptos aqui reunidos, entre os quais ninguem veja sombra de incoherencia senão a plena concordancia de dois sentimentos de quasi igual intensidade — o horror das guerras e o amor da patria.

O exemplo da Turquia

Artigo publicado no "Jornal do Commercio" de 14 de Dezembro de 1912 com o pseudonymo "Xenófonte".

"Se alguem descobrisse através destas linhas o seu autor e o conhecesse não conteria uma exclamação de surpresa. Pois que, este homem tão insulado na sua profissão e absorvido nella é capaz de outros cuidados e da infidelidade de outros pensamentos! Tal espanto, que confesso justo, dá a medida da sinceridade deste escripto, — ephemeras e innocuas cogitações sobre Politica, de um leigo que sabe bem o fadatio dos Felippe Dégrange nos seus *amours d'automne* para vir em meia-idade reques-tal-a. O amor da Patria, porém, não se confunde com este nem é privilegio dos politicos, e se eu não a sirvo senão dentro da minha arte é que julgo assim a servindo melhor amal-a.

Em terra estranha, separado pela imensidate do espaço, o que se sente pela Patria é menos a saudade do que a inquietação, — um mixto de zelos, impaciencia, temores anciños e sonhos de grandeza, desejos de a ver invejada e de a representar maior, impetos de mentir.

No confronto com qualquer povo o brazileiro deve se sentir orgulhoso das qualidades fundamentaes da sua raça, — a intelligencia, a generosidade, a audacia; mas precisa tremer pela sua imprevidencia.

Ha uns tantos principios de ordem moral ou politica, que só elles preservam o futuro de uma nação e a conduzem a seguros destinos. Na ordem moral, só o culto supersticioso da Justiça, o sentimento de uma lei superior a cada um e igual para todos, a reverencia aos seus magistrados como entes quasi divinos, mantém os homens unidos em uma sociedade, e só a instrucção tão elevada quanto possivel desses homens lhes dá a consciencia do seu valor. Na ordem politica, só a obediencia á vontade do povo, pela garantia absoluta do voto, expressão normal dessa

Ideal da Paz

occasião de vêr um exemplo, publicado sob o titulo "Paz e a Defesa Nacional" em unidos alguns escriptos do

outro. Com a devida venia bulo:

em mais ordeiro e mais bondoso recer a estima dos outros homens, sua agua e do seu pão, mas não à noite de pôr as trancas na casa, accordar em sobre-salto; as nações treidas e humanitarias cultivam a de das outras e abominam as lutas,

vontade, anniquilla os appetites olygarchicos e conserva a forma representativa; só a segurança da nação no seu territorio permite a tranquilidade no trabalho, principal factor da sua grandeza.

Sem estes principios e estas garantias, de que servem progressos materiaes, estradas de ferro, avenidas, industrias, e de que valem as virtudes de um povo, se elle está desunido e desarmado, e tem as suas portas escancaradas á cubica dos mais fortes!

Estudando de um ponto de vista superior, sem descer a pormenores, a nossa organização militar, vê-se logo que ella é falha.

De 20.000 homens compõe-se o nosso exercito regular; mas estes 20.000 homens são sempre os mesmos, fazem da sua arma profissão, reengajam-se continuamente, envelhecem na caserna e nella se viciam; e, se porventura sahem validos, a sua experiençia não aproveita mais á patria em perigo, porque a baixa do serviço é um direito á isenção.

Concedendo que esse numero esteja completo, que taes homens sejam inexcediveis na sua arte e de tudo aprovisionados, e que da sua dispersão por todo o immenso Brazil possam ser conduzidos em tempo á face do inimigo, são afinal, no primeiro embate, 20.000 homens contra 200 ou 400.000!

Comprehende-se um pequeno exercito permanente por onde atravessassem todos os cidadãos para o meneio das armas, afim de as conhecer quando soasse a hora da defesa; essa a sua função e a sua utilidade, como escola de guerra; nas condições em que se acha o nosso, porém, é um organismo paradoxal, incumbido do movimento mas sem pernas, destinado á renovação mas immutável.

Se, como força, este effectivo não pôde ser empregado em uma guerra moderna, porque a mais rudimentar prudencia o aconselharia a evitar por todos os modos o inimigo, como nucleo seria fatalmente prejudicado pela massa dos bisonhos, a lidarem com instrumentos que nunca viram e a ouvirem ordens que não entenderiam.

O sorteio militar não é menos absurdo e contraproducente. Escolhidos pela sorte os cidadãos que têm de preencher os claros do exercito, — rarissimos claros, porque o nosso soldado ama o quartel e delle

só sahe depois de morto, — todos os brazileiros da mesma idade adocicado de ignorar por completo as armas, que terão um dia, talvez do ataque moderno é tal, que entregar ao inimigo exactamente po- lhe que dormiu nem tempo tem de as saber manejar.

Ora, melhor é ser franco com a terra de conquista; depois do que, ao mavisco destas palavras adormeceu tambem aos outros, e que a impetuosa entrega ao inimigo exactamente po- over, — abre os olhos e se encontra amordacado, definitivamente reduzido á impotencia.

Precisa despertar.

Precisamos nos esquecer da guerra. Compete sobretudo aos dignos officiaes do Paraguay; a cada patriota a obrigaçao de reverenciar os heroes daquella campanha e ensinar seus filhos a valer; mas, perder de lembrança o exemplo dos responsaveis por este estado, de seus feitos que já não têm appr. no dia da punição, os que não fizeram nossos tempos; basta dizer que em no campo, exhalando, com o ultimo combates era então a arma braço suspiro, o ultimo pensamento para os navios ainda davam embigadas. Antes queridos e a patria abatida e talidade dos homens que enviaram ilhada, voltarão cabisbaixos, reen-promptos em cinco dias.

A nossa republica ainda não o preconceito commodo de que a que todos gozamos, ha de ser só dida pelo pobre, pelo desprotegido negro; naturalmente são elles os valentes em que os outros preferem fiar, sendo, aliás, essa uma honra que elles não devem repelir. Os

bellos e queridos filhos que foram acalentados ao seio das ternas mulheres, não se devem esquecer de moços inexperientes e desorientados tantas emoções violentas; de apresentar um projecto desde o referido seio, elles ouviram exercito um novo quadro permanente pre falar em farda como castigo e de sub-officiaes — em que seriam indicados como uma volta.

Nada custa ceder, na medida de Estamos certos, dado o seu ardor passível, a escrupulos tão razoaveis, e como fartamente apregoado, que o Sr. ao serviço militar — exercicio militare soldado do exercito — alumno do exercão, num impulso que lhe não deia dispensar a farda, que não é o vagar para medir as consequencias de primeira necessidade.

O essencial é fazer a organização da Patria. O Sr. Mauricio de Lacerda deve estar

arrependido de ter apresentado aquele estudo projecto que tão grandes

viços á Republica assinalaria em fé de officio, se não houvesse abortado, nobre, progressista, valoroso, os outros por si, e, incapaz de ferir certo de não ser ferido; ora, nas relações entre pessoas, esta filosofia concebido pelos transviados sargentos genua do *asinus inter simias*, do meio de espertos, conduz ás mais funtas consequencias. Marchando ousadamente ante da civilização do seu tempo, es-

miragem enganadora escoçada sobre a imagem real de uma medida justa e necessaria.

Ninguem contesta a necessidade de melhorar as condições dos inferiores do Exercito, ao contrario, os que conhecem profissionalmente o assumpto desejam essa melhoria, porque ella representa um beneficio ao proprio Exercito, á sociedade e, portanto, á Patria.

Mas o projecto Mauricio de Lacerda, ao avesso de suas intenções (?) só traria maleficios.

Nas funcções militares são exigidas energias physicas, pôde dizer-se, na razão inversa das graduações. Ora, pelo projecto em questão, dentro de poucos lustros nós iríamos ter no Exercito inferiores mais velhos que a maioria dos capitães e que a totalidade dos officiaes subalternos.

Um exercito assim composto, com a cabeça senil, o corpo jovem e as pernas tropezas e rheumaticas, não pôde corresponder aos ideaes patrioticos.

No entanto, ha um meio muito simples de serem attendidos os interesses dos sargentos, com infinitamente maiores vantagens para elles, e tambem os interesses da collectividade.

Proponha o Sr. deputado que, por exemplo, depois de oito annos de bons serviços ao Exercito, desde que apresentem titulos de habilitação em cursos regimetaes especialmente organisados, tenham os inferiores direito indefectivel ao preenchimento de metade das vagas de primeira entrância que se derem nos diferentes ramos do serviço publico civil. Lá, elles terão uma bella carreira a fazer, em recompensa dos serviços prestados e de se terem habilitado para o cumprimento do sagrado dever de defender a Patria.

Isto é muito mais do que aquillo que esses espiritos desorientados pedem, mas, sejamos justos e leiamos através da lamentavel e impatriotica manifestação desses moços inexperientes a justiça velada que vae nos seus queixumes.

O bom inferior presta relevantes serviços á instrucção da tropa e é por isso que nas nações bem organisadas, não só como estimulo para o aperfeiçoamento e amor ao trabalho durante o tempo em que serve sob a bandeira, como tambem para recompensal-o pelos serviços prestados, garante-se-lhe o futuro com a preferencia insophismavel que se lhe dá ao preenchimento dos cargos publicos civis.

Com esta medida lucram os inferiores pelas bellas posições que podem vir a ocupar; lucra a instrução da tropa pela dedicação que esse estímulo faz nascer; lucram os serviços públicos civis pela aquisição de elementos que já levam consigo a disciplina de trabalho e de subordinação aos seus deveres e aos seus superiores, e lucra em fim a nação, porque recebe em seu proveito o resultado da somma das vantagens que acabam de ser enumeradas, sem onus para os cofres públicos.

Não ha nestas linhas o menor resquício de um sentimentalismo piegas que procure enternecer o coração das autoridades que tem de punil-os pelo feio crime que elles premeditaram. Não, os culpados não podem e não devem mais ser aproveitados para serviço público algum, mas, de um modo genérico, sem limitação de época ou de individuos, os inferiores do Exército nada tem a ver com o crime premeditado por um pequeno rebanho de ovelhas desgarradas que se deixaram atrair pelo canto da sereia ou, talvez mesmo, pelas labias de astutas raposas que procuram subverter o regimen, quando não seja para fins mais radicais, ao menos como um consolo pelas saudades que sentem dos tempos d'El-Rey Nosso Senhor.

Não, nada de complacências com os elementos subvertidos, mas o que é verdade é que os poderes públicos precisam, para bem geral, tratar o quanto antes de melhorar as condições futuras dos inferiores, não a criterio delles, mas em harmonia com os interesses da nação.

Capitães montados na Infantaria

As exigências impostas aos capitães de companhias pelo dever, que lhes assiste, de instruirem suas unidades para a guerra, tornam cada vez mais urgente a necessidade de serem estes officiaes montados desde o tempo de paz.

Nos quadros de efectivos e nas indicações relativas á vida em campanha, o nosso Estado-Maior tem feito figurar as companhias em pé de guerra como conduzidas por capitães a cavallo, e em seus regulamentos táticos regista essa disposição como se já estivesse, de facto, incorporada á organização da infantaria.

O R. E. I., por exemplo, prescreve

em seu art. 492 que, "para entrar em combate, o commandante da companhia adiunta-se a cavallo e reconhece o caminho de approximação mais favorável, completando assim o reconhecimento e a segurança".

De forma que, no desempenho de suas funções na guerra, incumbe aos capitães de infantaria o reconhecimento dos caminhos de approximação para a posição em que devem estender suas unidades, afim de lançá-las ao combate, missão que lhes permite conhecer, com certa antecedência, as condições do terreno em que vão agir, sem todavia deterem a marcha de seus homens. Ora, isso só lhes é possível fazer, tirando partido da rapidez de movimento que o cavallo facilita.

Não é essa, porém, a unica situação que exigirá dos commandantes de companhia serviços, que só a cavallo poderão prestar. O recebimento das ordens de combate, dadas pelo commandante do batalhão, ordens que, pelo art. 503 do R. E. I. devem ser dadas, de preferencia, a todos os capitães reunidos; o estabelecimento e inspecção dos postos avançados, quando não estejam muito próximos do inimigo, são outras tantas situações que exigem dos capitães uma rápida locomoção que o cavallo oferece em quasi todos os terrenos.

Mas é, sobretudo, na marcha que mais indispensável se torna aos capitães de infantaria serem montados, por isso que necessitam conservar para o commando no combate todo o seu vigor intelectual e moral, o que não poderão fazer se ao cabo se acharem deprimidos pelo cansaço phisico. Além disso, em todos os exercitos, após os longos períodos de paz, os quadros envelhecem, enfraquecendo-se portanto, de modo que não se pode esperar que os commandantes de companhia — os responsáveis mais directos pelo emprego da infantaria na luta — possam concorrer na resistência á marcha, com soldados de vinte e poucos annos, e, por fim, disponham ainda de energia moral e clareza de espirito, para guiar com éxito seus homens ao combate.

Isso, em se tratando da guerra.

Quanto ao serviço de paz, não é menos indispensável que os capitães sejam montados, pois, subsistindo nos exercícios táticos que simulam a guerra, todas as circunstâncias apontadas acima, avultam

ainda imposições decorrentes da instrução e do treinamento da companhia, objectivos que se não poderão alcançar, no desejado grão da perfeição, com capitães a pé.

Assim, para as marchas de treinamento e os exercícios de combate, sempre associados, porque é nessas condições que na realidade se travará a luta, os capitães terão que manter sobre os homens uma severa fiscalização, impondo-lhes a *disciplina de marcha*; isto é, obrigando-os a marcharem em velocidade constante, vigiando-lhes a maneira de conduzir as armas, para que não resulte algum acidente quando estiverem carregadas, evitando o respirarem pela boca, fazendo sanar em tempo opportuno os incommodos ocasionais motivados pelo calçado e equipamento (que conduzem tão facilmente a penosos sofrimentos) e tudo isso só poderão fazer quando a cavalo, porque, então, dominam com a vista todos os seus homens, e, sem suspender a marcha, attentamente fiscalizam e corrigem toda a companhia.

E quanto aos exercícios de segurança em marcha e estacionamento, não é menos necessária essa exigência de montadas para os capitães de infantaria.

Nos exercícios de postos avançados, só a cavalo poderá o capitão instalar pessoalmente o posto principal e os pequenos postos, ensinando aos commandantes destes como devem dispor suas sentinelas, como devem lançar suas patrulhas de ligação e de esclarecimento contra o inimigo, etc.

Num sector de companhia, com o posto principal e tres pequenos postos, dado que não ocupem um perímetro maior de 2 km. desde o posto principal até as mais avançadas sentinelas, o capitão não poderá fiscalizar e corrigir a posição de cada posto e de cada sentinella, fazendo esse serviço a pé, a não ser empregando um grande numero de horas.

E se quiser fazer funcionar o serviço, lançando patrulhas para a frente, em esclarecimento, e aguardando o resultado de suas observações, terá então que consumir todo um dia.

Ora, se attentarmos á idade em que se chega a capitão na nossa infantaria, ver-se-á que mais que em qualquer outro exército, os nossos commandantes de companhia deverão ser a cavalo, mas não presumivelmente na guerra, e sim desde o

tempo de paz, como condição indispensável á preparação efectiva da tropa e seguro meio de lhes ensinar a equitação, que se não pôde esperar venham a aprender na presença do inimigo.

De facto, compulsando a lista dos capitães de infantaria no *Almanack da Guerra*, vemos que, dentre os 100 officiaes mais antigos, só um tem apenas 39 annos, havendo, em compensação:

18 com mais de 50 annos
39 entre 45 e 50 annos
42 entre 40 e 45 annos

E se quizermos percorrer toda a lista, veremos que nenhum capitão de infantaria, e elles são 229 — tem menos de 37 annos!

Não é, pois, digno de attenção, esse estado de coisas, que nos acena com uma perigosa perspectiva, em caso de guerra, e hade concorrer forçosamente para a deficiencia da instrução, no tempo de paz?

Poder-se á objectar que todos essas razões são muito aceitaveis, mas que *trazem augmento de despesa*, o que não comporta o nosso estado financeiro. Mostraremos que não será essa contribuição que nos levará á bancarrota.

Demais, toda a sciencia da administração está justamente em vencer as dificuldades para manter sempre efficientes os serviços. O mesmo problema tiveram que resolver outros exercitos, onde hoje os capitães de infantaria são a cavalo. E as soluções encontradas poderão adaptar-se perfeitamente ás nossas condições.

As vantagens de serem montados os capitães de infantaria pertencem tanto á nação como, individualmente, aos officiaes, e, por isso, é natural que os onus sejam igualmente repartidos por todos. Seria pois equitativo estabelecer que os cavallos fossem adquiridos pelos capitães, sendo a forragem fornecida pelos corpos.

Para não sobrecarregar os officiaes com o desembolso integral de uma quantia muito grande, o governo abonaria um quantitativo para a aquisição do cavalo, ou forneceria directamente a montada, em qualquer caso se procedendo, porém, á cobrança, por meio de descontos mensaes feitos nos vencimentos.

Admittamos, por exemplo, que seja de 300\$000 o preço do cavalo para official. Essa quantia seria descontada no prazo de 30 mezes, á razão de 10\$000 por mez. Findos os dois annos e meio, o

capitão seria o proprietário de sua montada, podendo della se desfazer quando transferido, contanto que a substituisse. No caso de morte do cavallo, podia-se estabelecer que o oficial seria indemnizado, quando o facto se dêsse em serviço.

Assim, para os 229 capitães de infantaria, quando todas as unidades estivessem organizadas, teria o Ministério da Guerra que despender 67:200\$000 para compra de cavallo no primeiro anno. Dessa quantia, no fim de 12 mezes, já teriam sido reembolsados 27:480\$000, o que reduziria o adiantamento, de forma que, mesmo com as novas promoções de primeiros tenentes, ficaria aquelle total consideravelmente diminuido.

E quanto á forragem e ferragem, feitas hoje pelo regimen das massas, com preços que variam de uma guarnição a outra, não poderiam ser invocadas como obstáculo á adopção desta medida, pois trariam um pequeno aumento de despesa, facilmente coberto com a redução em outras verbas.

Assim, se tomarmos como base para os nossos calculos, a média dos preços da forragem e ferragem nas diversas guarnições, e que orça por 1\$200 por dia, para cada animal, teremos uma despesa mensal de 36\$000 e annual de 432\$000, o que a eleva, para os 229 cavallos, a um total de 98:928\$000 por anno.

Portanto, com uma despesa permanente de 98:928\$000 para ferragem e forragem, e com um adiantamento constante que não excederá 40 contos, poderão ser montados todos os capitães de nossa infantaria.

No regimen actual dos 18 mil homens, com grande numero de corpos sem efectivos, esses numeros serão naturalmente muito menores.

1º Tenente E. Leitão de Carvalho.

Subsídio para o anno de instrucção

Instrução Prática — de um livro do commandante Royé.

I

A — Exercícios de detalhe

1º exemplo

O objectivo do exercicio é:

1º — O ensino da procura e designação dos objectivos pelos quadros.

2º — O ensino da procura e designação dos objectivos pela tropa combinado com a execução do fogo.

A procura dos objectivos (e a sua designação pelos quadros) far-se-á em separado, mas simultaneamente, pelos quadros e pela tropa. Estes exercícios devem ser constantes e conduzidos com methodo e rigor.

Os objectivos podem então ser simples accidentes de terreno que serão es- colhidos cada vez menos visíveis.

Quando o preparo dos quadros e da tropa está sufficientemente alcançado e o ensino da acção pelo fogo tem sido frequentemente praticado, combinam-se alguns exercícios de procura e designação de objectivos com a execução do fogo.

O fim desses exercícios é ver:

- o tempo empregado pelo chefe para descobrir o objectivo;
- o tempo empregado pelo mesmo chefe para o designar;
- o tempo empregado pela tropa para achar o objectivo designado;
- o tempo empregado pela tropa para executar o fogo.

ORGANISACÃO DO EXERCICIO

a) Dispor, préviamente, em um sector de terreno, objectivos variados em formações diferentes (grupos de infantaria, ca valleiros, peças de artilharia etc.) cuidadosamente desenfiados. Numeral-os. Dizer aos homens encarregados de os movimentar: "em tal direcção (onde a tropa em exercicio se estabelecerá) e a tal hora vereis aparecer bandeiras; fazei aparecer o objectivo n. 1 quando uma bandeira for vista; o n. 2 no caso de duas bandeiras etc." A apparição dos objectivos será regredida pela das bandeiras correspondentes. Logo que estas desapareçam o mesmo acontecerá áquelles;

b) conduzir o grupo a instruir a uma posição de fogo favorável em relação a lugar em que estão os objectivos;

c) ter á retaguarda deste grupo o numero de bandeiras relativo aos objectivos a movimentar;

d) desde que o grupo esteja *attent* fazer aparecer um dos objectivos; precisar o momento dessa apparição.

2º exemplo

O objectivo do exercicio é preparar os atiradores no ponto de vista da execução do fogo ou, seja, ensinar-lhes:

1º — A ocupar uma posição de fogo (no caso vertente um fosso de estrada cortado por um caminho.)

2º — A d'ahi executar o fogo sobre um determinado objectivo.

ORGANISACÃO DO EXERCICIO

a) Tomar uma esquadra completa; designar um inferior, ficando os demais como espectadores. Cartuchos de festim ou falsos. Suppor a esquadra enquadrada;

b) marcar por duas bandeiras a extensão que ocuparia o grupo e, por outras duas de côr diferente, a porção do fosso ocupada pela esquadra em exercicio;

c) dispor como objectivo um grupo (silhuetas ou homens, cerca de 40) fractionados em quatro elementos numerados 1, 2, 3 e 4;

d) dispor, para ordenar as apparições e desapparições, de um jogo de quatro Bandeiras 1, 2, 3 e 4, collocadas ao lado do director do exercicio.

Cada bandeira corresponde a um dos elementos do grupo-objectivo. Se as quatro bandeiras são levantadas, todo o grupo aparecerá; se a bandeira 1 é baixada ou levantada o elemento 1 desaparece ou aparece etc. Este processo, aliás, permite simular o movimento do grupo em que alguns elementos ficam por instantes desenfiados.

Phases successivas do exercicio—Disposições tomadas pelos atiradores

1ª phase

OCCUPAÇÃO DO FOSSO

O director orientou o cabo sobre o fim do exercicio e lhe prescreveu collocar sua esquadra a alguns metros do fosso. Dá-lhe em seguida as indicações seguintes: «Vossa esquadra é a segunda de um grupo cujo efectivo é de 50 homens; está pois enquadrada. O grupo está numa situação offensiva e avança sobre a casa A onde o inimigo foi assignalado. O chefe do grupo acaba de commandar "ao fosso da estrada!" O lugar a ocupar com a vossa esquadra está marcado por duas bandeiras vermelhas. Executae a ordem».

Nota. — Durante esta phase o grupo inimigo está invisivel.

O cabo desenvolveu a sua esquadra em atiradores a 3 passos de intervallo. Mostrou aos atiradores a casa A, depois, bançou-se com elles, rapidamente no fosso.

Os atiradores occuparam o lugar de-

signado para a esquadra, estendidos a 3 passos e de tal modo:

1º que os homens da direita nada veem do terreno situado á frente; o hangar H cobre mesmo a casa A, objectivo a attingir;

2º que dois homens estão de joelhos sobre o caminho que passa sobre o fosso da estrada.

3º que os dois homens da esquerda estão de pé.

ENSINAMENTO

O director, seguido dos espectadores, collocou-se á rectaguarda dos atiradores para vêr como elles tinham ocupado o fosso e ordenou ao instructor rectificar. Este se contentou em dizer aos homens da direita que se esforçassem por chegar para a esquerda e aos 2 soldados da esquerda que se deitassem. Os espectadores interrogados fizeram apenas notar que se podia mandar os homens que estão de joelhos sobre o caminho se desenfiarem.

O director disse então que essa maneira de instruir era *insufficiente*. Não basta o instructor dizer a um homem para fazer tal cousa que lhe *parece* justa. E' preciso fazer-lhe *comprehender* a falta, para que elle não a *reproduza*.

Em primeiro lugar se devia, de um modo geral, fazer vêr aos homens que esta obediencia cega á ordem de estender a 3 passos feria fundo a *iniciativa* e a *solidariedade*.

Com efeito.

1º Os dois homens da direita estão impossibilitados de utilizar seus fusis; ora, se elles tivessem (*iniciativa*) convidado seus vizinhos a chegarem para a esquerda, (o que não apresentaria inconvenientes) poderiam ser capazes de unir o efeito do seu fogo ao do delles (*solidariedade*).

2º Os dois homens ajoelhados, em lugar de ficarem a tres passos sobre o caminho, poderiam ter-se (*iniciativa*) separado mais, indo um para o talude da direita, outro para o da esquerda; assim, abrigar-se-iam melhor e melhor atirariam (*solidariedade*).

Em segundo lugar dizer aos homens da esquerda que estão em pé, para se deitarem é uma *falta grave* do instructor. Em regra não se deve *indicar* uma posição de tiro aos atiradores. Elles devem tomar, individualmente, a que *melhor* lhes convier. Demais, deve-se, antes de rectificar uma

posição tomada, *verificar* se ella é logica. Agindo assim, o instructor veria que um delles devia ficar em pé e o outro tomar uma posição *mais desenfiada*. O director perguntou a este porque razão estava de pé. «Porque G. o está» foi a resposta. Disse-lhe então que elle devia agir *por si* e não regrar a sua conducta pela dos vizinhos. Assentou que *sempre o atirador deve tomar a posição mais desenfiada* e que lhe permitta *atirar melhor*.

Em seguida, o director mostrou a necessidade de se verificar a posição de cada atirador mesmo a dos que pareçam *bem collocados*.

Em summa, accentuou que a preocupação principal do atirador deve ser *utilizar o terreno* de sorte a não se fazer vêr e a atirar bem; que não se deve prescrever medidas que entibiem a sua iniciativa.

Nota. — Quando em um grupo alguns homens não utilizam convenientemente o terreno — não estão satisfatoriamente desenfiados — pôde-se lhes mostrar a falta commettida pelo seguinte processo:

Faz-se colocar em lugar delles outros homens observando os mesmos defeitos. Conduzem-se os primeiros para o lado do inimigo e mostra-se-lhes como denunciavam o seu grupo. A um signal convencionado os homens que os substituiram tomam posições correctas e o grupo torna-se invisivel... Lição de coisas.

2^a phase

Execução do fogo

Rectificadas as faltas o director fez aparecer de pé o grupo-objectivo e ordenou ao commandante da esquadra que desse a voz de fogo:

Fogo á vontade! como se elle commandasse todo o grupo.

Os atiradores executaram o fogo.

O instructor, á retaguarda da esquadra, contentou-se em apreciar o conjunto e fazer duas ou tres pequenas observações sem importancia.

ENSINAMENTO

Está-se no inicio da instrucção da esquadra. Trata-se de vêr se os atiradores applicam o que aprenderam durante a instrucção individual. E' preciso pois *notar os atiradores de muito peito e verificar o que cada um fez depois de cada commando*. Tendo isto em vista, o director faz colocar homens, respectivamente atraç de

cada atirador, como observadores, e ordena ao chefe da esquadra mandar o fogo novamente.

Eis as faltas assinaladas.

1º Ao commando «fogo á vontade!» um atirador cuja arma estava carregada *manejou o ferrolho*. Mostrou-se-lhe que isto deu em perda de um cartucho.

2º A enunciação da alça — 900 metros! — um atirador deixou a sua alça a 400. Interrogado declarou não ter entendido o commando. Ora, elle aprendeu (*instrucção individual*) que todo tiro exige uma alça e que uma alça falsa corresponde a um tiro mau. Se não havia entendido o commando devia pedir a alça a seu vizinho (*iniciativa e solidariedade*) que, aliás tinha a obrigação de lh'a transmittir.

3º Quanto á designação do objectivo — os atiradores não *accusaram tel-o visto*.

4º Ao commando «fogo...» um homem atirou — *precipitadamente*, portanto. O director fez imediatamente desaparecer o objectivo: assim mostrou ao homem que a sua falta impedia o fogo da esquadra por surpresa. O director faz reaparecer o objectivo e ordena a repetição da voz de «fogo á vontade!» Agora tres atiradores atiravam sobre o *flanco esquerdo do grupo-objectivo*.

Ensina-se aos atiradores que, quando o chefe do grupo designa um objectivo determinada frente, cada atirador deve tomar nesta frente um alvo particular; que em um objectivo uniformemente visível deve escolher um alvo que lhe faça face. Durante o segundo fogo foram exercitados os atiradores na escolha judiciosa do seu alvo particular.

5º A voz «Cessar fogo!» os atiradores:

a) não *repetiram* o commando.

b) na maior parte *continuaram o fogo* depois do objectivo *desaparecer*.

c) não *tornaram a carregar suas armas* e deixaram as *culatras abertas*.

Primeira falta. — A prescrição regulamentar é formal, todos os atiradores devem repetir a voz «Cessar fogo!» O director, dil-o aos atiradores.

Um espectador diz que em seu regimento, proíbe-se os homens de repetir tal voz porque, como se pensa, isto faz muito ruido.(!!)

Segunda falta. — O director faz ver aos homens que só deviam atirar sobre objectivo designado enquanto o viam; qu

á sua desapparição deveriam ter cessado o fogo, motu-proprio, (*iniciativa*) mesmo que não fosse ouvida a voz respectiva.

Terceira falta. — Os atiradores interrogados respondem que «se lhes havia prescripto deixar a culatra aberta» depois de cessar fogo. Alguns sub-officiaes espectadores confirmam tal resposta e dizem prescrevel-o «por medida de prudencia». Outros fazem notar que os homens não carregam nunca porque em seguida á voz «cessar fogo!» ordena-se-lhes «descarregar!»

Estas duas razões não têm o menor fundamento. Não ha imprudencia a evitar — sempre esses exercícios se fazem com cartuchos de festim ou falsos. Aliás, quando se atira com bala e não se quer mais que os fusis sejam carregados, não ha razão para se deixar de incutir nos homens tão *precioso habito*. Basta, para respeitar ao mesmo tempo as prescrições sobre o carregamento da arma e as medidas de segurança, deixar um certo intervallo entre as duas vozes — não enunciar a segunda senão quando as armas estiverem novamente carregadas.

O director acaba por indicar um meio de habituar os atiradores:

1º A escolher judiciosamente seu alvo particular.

2º A cessar o fogo imediatamente á desapparição do objectivo.

Para o primeiro caso faz-se aparecer todo o grupo-objectivo; depois, durante o fogo, abaixando ou levantando as bandeiras correspondentes, fazem-se desapparecer e aparecer os elementos 1 e 2 do objectivo; com auxilio de observadores é facil verificar-se como se portam os atiradores.

Para o segundo, faz-se desapparecer todo o grupo-objectivo sem que a voz «cessar fogo!» tenha sido enunciada. O ensinamento será flagrante.

2º Tenente *Mario Travassos.*

ARMA DE ENGENHARIA

IX

Incontestavel é que o estabelecimento regular dos exames, para apurar o grao de instrucção nos corpos de tropa, veio implantar entre nós a verdadeira noção do fim do Exercito: preparar a nação para a guerra.

E, si porventura esta noção ainda é incompletamente preenchida, devido é a uma necessidade premente entre nós: execução da lei do sorteio.

Estabelecida esta, a caserna se revestirá de sua feição moderna: escola de educação physica e de civismo, comprehendida em cada um destes atributos a instrucção militar.

Entretanto, parece-nos, ainda os examens de hoje não se apresentam com sua verdadeira caracteristica: o preparo para a guerra.

Falta-lhes a qualidade essencial, a exigencia tactica que ordena subordinar ao terreno em que elles se effectuarem tudo quanto fôr apresentado.

Sendo a guerra em sua execução um conjunto de themes tacticos, vencendo aquelle que melhor os tiver de antemão resolvido, e, devendo a instrucção na paz approximar-se do caso de guerra o maximo possivel, comprehende-se a vantagem de subordinar todos os exercícios a themes previamente estabelecidos.

Muito embóra a todas as armas se applique o que vimos dizendo, com razão muito forte á arma de engenharia.

Organisar defensivamente as posições tacticas, como si se tratasse de um caso real, estabelecer communicações e ligações de toda a sorte, tudo subordinado ao terreno e ao alcance normal dos tiros do fuzil e do canhão, se nos afigura a melhor solução.

Como o grupamento de obras e trabalhos assim apresentados ocupará uma vasta zona, d'ahi a exigencia de se consagrar um ou mais dias inteiros para se poder fazer um exame severo e um julgamento criterioso dos trabalhos apresentados, já sob o ponto de vista tactico já sob o ponto de vista technico.

Algumas horas não permitem nem ao menos percorrer um campo entrincheirado.

D'ahi tambem carecer, quem julga, de um meio rapido de transporte: carro ou cavalo, de preferencia este ultimo.

Como se vê, não nos referimos ao exame de recrutas, pois nesse se trata da instrucção individual.

Assim pois, parece-nos ser o rumo da instrucção: oriental-a visando o ponto de vista tactico.

Só este formará bons officiaes, arautos da victoria.

2º Tenente de Engenharia *Arthur J. Pamphiro*

O emprego da artilharia de campanha (*)

Reducido ás noções para todos

"O emprego de toda a artilharia de campanha, leve e pesada, no combate transformou-se desde a adopção dos escudos e da preponderância das posições cobertas."

"O tiro de posição coberta aumentou de importância com o aperfeiçoamento dos instrumentos respectivos."

I. A pontaria indirecta

Podia ser da idéa da primeira arma de jacto a idéa de se arremecer um projectil contra um objectivo ao qual se fique occulto por uma cobertura ou mascara, idéa que só o aperfeiçoamento dos apparelhos de pontaria veiu tornar de applicação corrente, facil e precisa.

Com efeito todo projectil tem a trajectória curva, isto é, percorre um caminho que, da origem ao objectivo, se eleva acima da linha que une esses dois pontos (linha de sitio). D'ahi a possibilidade de se attingir o objectivo fazendo partir o tiro de uma origem situada atraç de uma cobertura ou mascara. A questão será unicamente determinar a situação em direcção e em altura do objectivo que não se vê. E' o que resolvem a *deriva* e o *angulo de sitio*, os dois inseparáveis elementos caracteristicos da pontaria indirecta.

A linha recta que passa pelo objectivo e pela crista da cobertura ou mascara chama-se *linha de desenfiamento*, e a distancia vertical da origem do tiro (bocca de fogo) a essa linha é que mede a grandeza do desenfiamento em relação ao objectivo. E' nesta accepção que se empregam as expressões: desenfiamento do material, do homem, (a pé), do cavalleiro, dos clarões. As respectivas alturas consagradas são: 1, m 40, 1, m 65, 2, m 50, 4 m.

Compreende-se que dada uma cobertura, de determinada altura e uma posição de fogo (origem do tiro) haverá uma trajectória limite capaz de transpor essa altura. A alça correspondente chama-se *alça minima* e é bem de ver que ella depende por sua vez do *angulo de sitio*: a trajectória mais baixa capaz de transpor a cobertura com o angulo de sitio nullo: já não passará se o objectivo ficar mais baixo que a boca de fogo. Vale-nos neste raciocínio a hypothese da trajectória rígida. A distancia da crista de cobertura ao limite da alça minima chame-se *espaço morto* da posição. Evidentemente não servirá uma posição de fogo da qual uma porção de terreno que precise ser batida, fique em espaço morto. D'ahi a grande attenção a dispensar a este elemento na escolha das posições cobertas.

A unidade angular do artilheiro é o millesimo. Todos os apparelhos do material de artilharia de campanha são graduados em millesimos. Millesimo é o angulo correspondente ao arco de 1^m da circumferencia de um circulo de raio = 1000^m. Uma circumferencia completa abrange pois 2π × 1000 millesimos, isto é, 6283. O millesimo theorico é portanto o angulo que corresponde a $\frac{1}{6283}$ do circulo. O millesimo pratico é um pouco menor: corresponde a $\frac{1}{6400}$. Isto é, $360^\circ = 6400 \text{ } \text{o}^\circ \text{oo}$ ou $90^\circ = 1600 \text{ } \text{o}^\circ \text{oo}$ e appr. $1^\circ = 18 \text{ } \text{o}^\circ \text{oo}$.

A *deriva* vem a ser o angulo formado pelo plano de tiro — plano segundo o qual se quer orientar a boca de fogo ou linha de tiro — com o plano de visada — plano vertical que passa pela origem de visada e pelo ponto de visada. Desde que se conheça este angulo fica-se habilitado a visar o escolhido ponto de visada e têm assim a linha de tiro dirigida sobre o objectivo.

Para uma determinada direcção de tiro a *deriva* é m que varia com a linha de visada. Duas questões decorrem d'ahi: o escalonamento das derivas, a pontaria collectiva.

Escalonamento das derivas. Se a linha de visada varia porque mudamos a origem de visada isto é, se considerarmos successivamente as diversas peças d'uma bateria, vemos, por um simples raciocínio geometrico, mesmo grosseiro, que as suas direcções de tiro mudam si todas visarem o mesmo ponto com a mesma deriva. Se o ponto de visada communica atraç da bateria a igualdade das derivas produzirá linhas de tiro divergentes, (regimen do leque) se ficar na frente convergentes (regimen de convergencia). A grandeza angular de que num e noutro caso essas direcções de tiro se afastam do parallelismo é medida entre duas peças vizinhas pelo angulo que tem por vertice o ponto de visada e cujos lados passam pelas duas peças. Portanto, para tornar os planos de tiro paralelos (e o regimen do parallelismo é o fundamental pelo nosso R. T.) se precisa comandar a diferença das derivas a partir da *deriva base*. Essa diferença em rigor não é igual entre os pares consecutivos de peças, mas na pratica se considera como uniforme, e as peças fazem a sua visada com a *deriva alterada* por adição ou subtracção, successivamente, 1, 2, vezes a correção comandada, isto é, com *deriva escalonada*.

Pontaria collectiva. Se a linha de visada variasse tambem com o ponto de visada, diferente para cada peça, ter-se-ia que proceder à determinação de uma deriva para cada peça, salvo se quisesse determinar uma linha de pontos de visada paralela à linha de fogo e com intervalos iguaes aos das peças. Como este alvitre não é pratico e tambem o primeiro seria muito demorado porque a determinação das derivas tem que ser centralizada pelo commandante da bateria, impõe-se que todas as peças visem o mesmo ponto façam pontaria collectiva.

Deriva-base. I. Se o ponto de visada é ocupado por um goniometro (luneta de bateria peça-base) pode-se estabelecer o parallelismo pelo processo das visadas reciprocas, que é o mais rigoroso. Elle se basa no estabelecimento uma direcção paralela a outra. Orientado piano de tiro de uma peça ou o de collimador de uma luneta lê-se ahi a deriva da peça a orientar; com o supplemento dessa deriva a visada ciproca da peça sobre a luneta dará ao seu piano de tiro o parallelismo desejado.

Pela propria natureza do parallelismo vé que no emprego da luneta, para que o piano de tiro da peça-base se oriente sobre seu objectivo é preciso que previamente o piano de collimador da luneta seja paralelo a esse desejado piano de tiro; é necessário que a luneta vise o objectivo não a zero, mas com uma *deriva inicial*. Esta deriva inicial é medida pela *parallaxe* do objectivo (ou ponto de orientação) em relação ao intervalo luneta — peça-base, e é calculada subs-

(*) Nota do autor: Projecto de uma conferencia que devêra ter sido realizada na Escola do Estado-Maior em Dezembro de 1915, a convite do Sr. Coronel F. Alcino B. Cavalcanti.

tuindo-a pelo seu seno: divide-se a distancia da peça-base á linha luneta-objectivo pela distancia da peça-base ao objectivo.

II. Se o ponto de visada é apenas um *ponto de pontaria* collectiva onde não se estaciona luneta nem peça, então será preciso ainda fazer no angulo lido pela luneta a correção da parallaxe do p. p. em relação á distancia luneta-peça-base. Este processo simplifica-se procedendo em relação á peça-base como no caso precedente, isto é, apontando-a por visada reciproca sobre a luneta e em seguida referindo sua direcção ao p. p.; essa deriva de referencia da peça-base será a deriva-base para toda a bateria.

Em qualquer dos casos do emprego de p. p. além da deriva-base ha que commandar o *escalonamento*, cuja grandeza é por sua vez determinada pela parallaxe do p. p. em relação á frente de secção. Como já se disse fica assim estabelecido o parallelismo.

A partir d'esse pôde-se com facilidade abrir ou fechar o feixe dos planos de tiro sobre qualquer um d'elles, ordenando um escalonamento complementar igual ao terço da diferença entre a frente a bater e a frente da bateria (tudo em milésimos.)

Comprehende-se facilmente que a escolha da posição da linha de fogo fica adstrita á condição de se achar um ponto para instalar a luneta de bateria, de onde se veja o objectivo e pelo menos uma peça. Muitas vezes não se conseguirá isso, seja pela fórmula do terreno, seja pela vegetação mesmo baixa (capinzal) que o cubra. A maxima independencia na escolha do observatorio e da posição de fogo só seria obtida dotando *cada bateria* de *duas lunetas* de bateria, munidas de bussola. Assim se dividiriam as funcções: uma luneta ficaria junto á posição de fogo, em situação de ver as peças, outra ficaria no observatorio cuidando de ver o objectivo. Esta transmitiria o azimuth aquella. Além dessa deficiencia do apparelhamento de nossas baterias, ligada ainda á de material telephonico para a transmissão de comunicações do observatorio á linha de fogo, tambem devemos assignalar a grave lacuna de não terem *luneta* de bateria os nossos cdtes. de grupo o que dificulta a observação e a precisa e rapida indicação de objectivos.

Muitas vezes a estreiteza do raio de escolha do observatorio, pela pobreza das nossas baterias em lunetas, terá de ser corrigida pelos officiaes das baterias empregando a orientação *ao sentido*. Dar-se-á a direcção presumivel a uma peça (ás vezes poder-se-á oriental-a com muita approximação, dando indicações de um ponto elevado á retaguarda, ou simplesmente a cavallo) e em seguida se referirá sua direcção a um p. p., tendo assim a deriva-base.

II. A Artilharia leve.

«A artilharia de campanha em lugar das longas linhas continuas em alturas, as quaes facilitariam ao inimigo o reconhecimento, o commando do fogo e a efficacia, prefere a *instalação por grupamentos separados*. Assim ella realisa melhor aproveitamento do terreno e especialmente facilita a observação do tiro de posição coberta. Mais importante do que a situação das linhas de fogo é a dos observatorios; aquelles podem achar-se, por assim dizer, em qualquer terreno, sobretudo no combate a grande distancia.

Por força do augmento da efficacia das ar-

mas de fogo tem multaancia a *ocupação coberta da posição*. Assim evitarão baixas, e principalmente se conseguirá apparecer em accão por surpresa, o que aumenta consideravelmente o efecto da artilharia. O fogo subito em massa — assalto pelo fogo de surpresa — pôde até ter efecto anniquilador.

Em consequencia do maior cuidado no aproveitamento do terreno o inimigo em geral só apresentará objectivo favorável durante curtos momentos, expondo-se raramente ao anniquilamento total. Por isso a artilharia fará crescer e diminuir a intensidade de seu fogo consoante a variação da situação do combate, empregando a rapidez de fogo, de que são capazes suas peças, em neutralizar periodicamente o inimigo por meio de ondas de fogo subitas, violentas e curtas, assim facilitando o avanço de sua infantaria.

A artilharia tem que cogitar a tempo do *reconhecimento* por esclarecedores e patrulhas de officiaes; no ataque a posições preparadas esses órgãos devem ser expedidos com a cavallaria. No reconhecimento deve ser cuidadosamente aproveitada a cobertura pelo terreno, afim de não se chamar a atenção do inimigo para a posição a ocupar, provavelmente.

Tanto quanto fôr necessário a artilharia procede á sua propria segurança contra surpresas no flanco.

No campo de combate a ligação dos commandantes, bem como a da linha de fogo com os armões e c. l. m. é feita por signaleiros e telephone.

O forte consumo de munições obriga a prestar a maxima attenção ao remuniciamento.

O tiro de *posição coberta* augmentou de importancia com o aperfeiçoamento dos instrumentos respectivos (luneta de bateria, escada observatorio, telephone). No começo do combate, contra objectivos fixos, isto é, no combate de artilharia, bem como contra a infantaria e metralhadoras em posição, predominará o seu emprego. Muitas vezes porém terá que ser abandonada a cobertura para que a artilharia possa bem secundar a infantaria no combate vário, para a decisão final.

O emprego moderno da artilharia exige que se lhe dê o tempo necessário á preparação de sua actividade. Para leval-a ás posições desenfiadamente e por grupamentos é necessário o cuidadoso reconhecimento prévio dos diversos caminhos para as fracções desdobradas. Tambem o reconhecimento dos observatorios e das posições de fogo, a preparação até ao rompimento do fogo, especialmente em posições cobertas, demanda mais tempo que antigamente.

Ao ocupar-se a posição a *segurança* da artilharia é feita por infantaria avançada. Uma vez em posição a artilharia só precisará de protecção pela infantaria na frente se ella não puder bater bem o terreno proximo, o que pode succeder em posição coberta. Comtudo as linhas longas de artilharia devem ser protegidas na frente por alguma infantaria, contra as inquietações inimigas.

A artilharia constitue o arcabouço do combate. (*) O grupamento das demais forças deve harmonisar-se com a posição da artilharia; entretanto a dependencia não é mais tão estreita como dantes, dada a maior liberdade da artilharia na escolha de posições de fogo.

A posição da infantaria deve ficar a tal dis-

(*) Vide o art. 320 do nosso R. E. I.

tancia diante da artilharia que esta seja protegida contra o fogo efficaz de fusil e por outro modo que a infantaria não sofra directamente na luta da artilaria. E' para desejar uma distancia de 600 metros.

O obuz leve de campanha desempenha as mesmas missões que o canhão, sendo de uma efficacia muito superior á delle, contra objectivos atraz de coberturas (pela maior abertura do cone de arrebentamento do seu projectil), povoações e tropas em mattas altas. O obuz é efficaz contra a maioria das fortificações de campanha.

III. A Artilharia pesada

A artilharia pesada de campanha aumentou de importancia desde a adopção dos escudos pela artilharia leve de campanha, contra os quaes o shrapnell não é efficaz. A artilharia pesada é um reforço consideravel para contrabater a artilharia leve de campanha, com o seu poderoso projectil, de grande efecto em largura. E' condição essencial para sua efficacia que o objectivo, embora não visivel, seja reconhecivel por certas referencias, de modo que baste espargir o fogo (tiro progressivo) entre limites estreitos. Ela tambem é especialmente apta para agir contra infantaria sob cobertura ou atraz de coberturas, bem como contra os fortes entrincheiramentos de infantaria. A artilharia pesada não é apropriada ao tiro progressivo entre largos limites, nem contra objectivos moveis; ambos cabem á artilharia leve de campanha, cujo shrapnell tem grande profundidade de accão.

Na escolha da posição e aproveitamento das coberturas, a artilharia pesada em consequencia da grande curvatura de sua trajectoria, é quasi independente do terreno, não perturba o desenvolvimento das outras tropas e graças ao seu longo alcance pôde installar-se atraz da artilharia leve de campanha, si faltar espaço. (*)

E' fora de duvida que uma artilharia de campanha sem artilharia pesada, em face de outra com artilharia pesada é fatalmente condemnada á destruição ou no melhor easo á inacção. A artilharia pesada inimiga tomará posição á vontade, fóra do alcance das nossas baterias leves, e estas ou ficam longe do seu raio de destruição abandonando portanto a nossa infantaria á do inimigo com suas baterias leves, ou avançam e são anniquilladas.

(Continua.)

1º Tenente Klinger.

(*) Os trechos entre aspas são extrahidos do *Guia para o ensino da tactica*, adoptado nas escolas militares alemaes.

o assumpto é uma demonstração da efficiencia profissional delles.

E se a creaçao que projectaram não puder ser levada a efecto, que ao menos as nossas altas autoridades aproveitem as indicações suggeridas nesses trabalhos e as appliquem nos institutos de ensino actualmente existentes ou alhures. Melhor fôra, sem duvida, que as duas escolas lembradas fossem creadas, mas, se isto não puder acontecer que o esforço não se perca.

O titulo do trabalho do sr. tenente Figueiredo, lembrou-me que eu já pertencia a uma *Escola de Cavallaria* — a "Escola de Cavallaria e Infantaria da Província do Rio Grande do Sul". Mas que diferença entre o apparelhamento da que existio o da projectada! Basta dizer que na Escola de Cavallaria do Rio Grande do Sul não havia cavallos. Os alumnos matriculavam-se e concluiam o curso de infantaria e cavallaria (e eram promovidos alguns para essa arma) sem nunca terem montado a cavallo. Dito isto, nada mais é precisar acrescentar para tornar evidente a diferença entre os dous institutos.

A escola proposta pelo sr. tenente Taborda attende tambem a uma necessidade palpitable. Talvez alguns officiaes superiores hesitem em recorrer a essa escola para aperfeiçoar e completar a sua instrucção profissional.

Lembrem-se, porém, os que pensarem assim que na Alemanha até general são submettidos a alguma cousa de analogo. Com efecto, os coroneis de cavallaria e infantaria, quando attingem ao generalato, vão assistir na *Escola de Jüterbog* a prelecções feitas por maiores e capitães de artilharia sobre o emprego dessa arma. Graças a isso não se observam lá as demonstrações de completo desconhecimento das propriedades caracteristicas e do val tactico da artilharia varias vezes notado entre nós, já em manobras, já em operações de guerra.

Sou partidario decidido da promoção por concurso, em que o official de provão só de capacidade profissional contambém de resistencia physica, conforme nas paginas desta Revista tive oportunidade de lembrar.

Mas enquanto o concurso não é adoptado, bom será que a *Escola de Aplicação para Officiaes Superiores* seja instuida e comece a prestar os seus serviços.

Major R. Seidl.

Duas bôas idéas...

Entre os bons serviços que esta Revista tem prestado, está prestando e ha de prestar ao nosso Exercito, certo, registrar-se-á o constituido pelos trabalhos dos meus distintos camaradas srs. tenentes Taborda e Euclides de Figueiredo, concernentes á creaçao da *Escola de Aplicação para Officiaes Superiores* e da *Escola de Cavallaria*.

O modo pratico com que encararam

Escola de Applicação para Officiaes Superiores

Por uma gentileza que muito nos pehnora, tivemos occasião de conhecer, antes de ser publicado o livro *Argentina Militar e Naval*, o seu capitulo VII, que trata da educação e dos estabelecimentos de instrucção militar na Republica Argentina. O seu autor, o talentoso e dedicado 1º tenente Genserico de Vasconcellos, ex-addido militar do Brazil naquella Republica, ao tratar da instrucção dos officiaes nos corpos, escreve as seguintes palavras:

— «Na leitura deste capitulo terá o leitor observado que o joven sub-tenente, sahido do Collegio Militar, tem que aperfeiçoar sua instrucção profissional á medida que vai subindo de graduação. Como tenente e 1º tenente, abrem-se-lhe as portas das escolas de Cavallaria e de Tiro; ainda como 1º tenente ou capitão, apresenta-se-lhe a Escola Superior de Guerra; se não fez este curso é obrigado a prestar um exame de competencia para o posto de major; e finalmente, como official superior, deve assistir aos cursos de informaçoes das escolas de Cavallaria e de Tiro e seguir o curso da Academia de Jefes.»

Isto que se faz na Argentina faz-se na Europa, na Asia e em toda parte onde ha uma nação organisada que cumpre o dever de preparar a sua defeza. Na Asia, a Mongolia, na Africa, a Abissinia e na America o Brazil, talvez sejam as unicas terras onde ha quem apregoe, com vistas a fazer merecimento, que os officiaes superiores não precisam aprender mais nada, porque já são verdadeiros sabios na arte da guerra.

Se Lafontaine já não a tivesse inventado, seria preciso inventar agora aquella fabula da raposa e o corvo.

Que linda voz a que tens!, isto é, como são sabios os meus superiores!

Talvez essa diplomacia chineza tenha forças para fazer cahir o queijo, mas nós não acreditamos porque fazemos lisonjeiro conceito do bom-senso alheio.

Como diabo poderemos nós, quando lá chegarmos, desempenhar com acerto a difficult tarefa que cabe aos officiaes superiores e generaes, sem nunca termos tratado de fazer a aprendizagem necessaria?

Temos em todos os postos elementos

de grande valor, mas até aqui desaproveitados pela falta de orientação profissional.

O official brasileiro fazia até bem pouco tempo um longo curso theorico em que aprendia desde a theoria dos arranjos e combinações até o dogma da virgem-mãe, levando umas besuntadelas de Vial e Plessix, com gregos e romanos pelo meio.

Feito o curso vinha o official para o Regimento dar estado e ronda de visitas, (muitas vezes suspeitas) enquanto esperava que fosse anunciado um exercicio geral. Com este regimen era impossivel formar officiaes subalternos e mais impossivel ainda officiaes superiores.

Neste particular o estado actual do Exercito é deveras lisonjeiro.

A Escola Militar já tem uma orientação mais practica e a instrucção na tropa já principia a existir em realidade, embora ainda deixem muito a desejar.

Mas, por muito bons que sejam os Cursos da Escola Militar e da de Estado-Maior, o que é plenamente contestavel, se rão elles sufficientes ?

Nestes cursos a practica occupa ainda um lugar inferior áquelle que devia occupar, mas mesmo que ella seja bem tratada, o que o official aprende no começo de sua carreira será bastante para seu uso durante toda a vida ?

Poderá elle de um só galope vencer todos os obstaculos ?

E' claro que não. O ensino profissional deve ser continuo, progressivo e repassado. A aprendizagem de um jacto é impossivel e hoje o official que quer ser oficial morre aprendendo.

Nos postos inferiores o official não tem ensejo de praticar nos misteres dos postos superiores. Quando lá chega, por muito que se esforce isoladamente, não pode ser um bom official superior. Além disto, estes esforços isolados trazem mixordia de doutrinas. Ha então necessidade de estudar e de praticar esses misteres com unidade de vistos e de doutrina e o meio de resolver este problema é exactamente a escola de commando, escola de chefes, ou, como nós vimos chamando, Escola de Applicação para Officiaes Superiores.

A Academia de Jefes, na Argentina, existe desde 1906 e até 1911 matricularam-se annualmente 44 officiaes superiores.

No numero passado fizemos referencia ao projecto de regulamento para uma Es-

cola de Instructores do Exercito, que nos foi enviado pelo Sr. Capitão M. B. Castro e Silva.

O art. 1º assim define os fins da escola.

«A Escola de Instructores é destinada a preparar instructores, ou antes, educadores, que, terminado o periodo de pratica fixado no presente regulamento, voltarão a seus corpos, onde irão diffundir o methodo de ensino professado na Escola e assim uniformizar a instrucção pratica do Exercito na parte relativa ás armas combatentes.»

Pelas disposições contidas em seus artigos verifica-se que essa instituição representa a fusão de uma escola tactica e de tiro com uma escola de cavallaria, havendo dois cursos distintos, um relativo a trabalhos militares propriamente ditos e outro a trabalhos hippicos.

Os officiaes de todas as armas até o posto de capitão são obrigados á matricula, por turmas determinadas annualmente pelo Ministerio da Guerra.

Nos ultimos dois meses do periodo de trabalhos militares, é ministrado um curso de informações.

O chefe do Grande Estado-Maior designará annualmente os officiaes que devem frequentar este curso, sendo tambem facultada a presença de officiaes de qualquer patente, sem prejuizo de suas funcções.

A tropa para as unidades de instrucção da escola será fornecida por meio de destacamento de unidades das differentes armas.

Como dissemos no numero passado, é uma excellente instituição que relevantes serviços viria prestar ao nosso Exercito. E' até de pasmar que ainda não a tenhamos.

A fusão, em uma só, de duas escolas differentes, obedeceu naturalmente ao ponto de vista economico, pois assim reduz despesas de installação e de pessoal da organisação administrativa.

Mesmo assim, as condições financeiras do nosso Paiz não permitem o estabelecimento de varias escolas desta natureza, espalhadas pelas regiões militares mais importantes, como seria de desejar e como teve em vista o Sr. Marechal Bormann, quando Ministro da Guerra. Seremos muito felizes quando dispozermos de uma, naturalmente nesta capital.

Com o correr dos annos, os subalternos e capitães que fossem passando pela escola iriam formando os quadros superiores e dotando-os de efficiencia, mas isto seria muito lento e é preciso não desaproveitar os bons elementos que existem nos quadros superiores actuaes, porque assim mais depressa teremos um Exercito digno da sua missão.

Alem disto, ao lado do trabalho paralelo que se iria operando nos diferentes quadros, a Escola de Applicação para Oficiaes Superiores, conforme se deprehende do esboço que fizemos em artigos anteriores, sem despezas especiaes, forneceria um maior campo de actividades, não só pelas forças mais numerosas de que pode dispor, como tambem pela representação mais nitida das operaçoes de campanha, em toda sua complexidade.

A primeira iria fornecendo elementos technicos e tacticos de subido valor e a segunda iria ao mesmo tempo combinando esses elementos no mecanismo geral, que sob o ponto de vista tactico, quer sob o ponto de vista estrategico.

Como já dissemos, são instituições que se completam.

Esta ultima, não dependendo de despezas especiaes, pode ter congeneres em diferentes guarnições, desde que a primeira que se organizar tenha fornecido officiaes habilitados que possam expender nas outras os ensinamentos adquiridos. Nessa occasião, por emquanto muito remota, haverá necessidade de um inspecto geral para imprimir uma unica orientação em todas as escolas. A fiscalisação pode ser facilitada pela execução do curso em cada uma, em época diferente da das outras, ao que se presta muito bem a variação de clima dos differentes pontos do nosso territorio.

Por emquanto, o essencial é que patriotismo dos nossos dirigentes nos forneça um exemplar de cada uma dessas escolas. Os chefes que executarem tais medidas, só poderão ser abençoados pelas gerações vindouras.

Deem-nos rumo e nós caminharemos. Sem elle, nunca teremos Exercito e sem Exercito, talvez mais breve do que se pensa não teremos Patria.

A seguir publicamos algumas palavras que o distinto amigo Capitão J. Castell Branco se dignou de nos dirigir, abordando o assumpto deste artigo.

Deixamos de publicar, por falta de espaço, outras tantas do Sr. Capitão Souza Castro, o que faremos no proximo numero.

Brazilio Taborda

Meu prezado camarada e amigo Taborda — A Escola de Commando, fructo da videncia de Percin, e, entre nós, actualmente abordada pelo meu illustre camarada, afigura-se-me um dos factores de que muito carecemos. Será, estou certo, aceita por todos nós, o que faremos exultantes. E demais, não é ella uma novidade em o nosso meio militar. Vejamos :

Os nossos estimados camaradas da Armada, ha cerca de dois annos, organisaram um curso denominado: "Escola Naval de Guerra" em o qual — tactica, estrategia e jogo da guerra, fortificação permanente e passageira, organisação e administração das principaes marinhas do mundo, historia naval e operações de terra e mar — constituem as disciplinas fundamentaes.

Esta escola se destina não só aos officiaes superiores de nossa marinha de guerra, como tambem aos capitães-tenentes que contem mais de seis annos de posto, tornando-os efficients, preparando-os, portanto, para as intrincadas soluções dos difficeis problemas que a cada passo surgem em lutas navaes e, muitas vezes, terrestres.

Tactica, estrategia, jogo da guerra, etc., são ali professadas por um illustre official da marinha americana, sendo os resultados já obtidos os mais positivos, taes os methodos empregados, tal o rumo seguido.

O curso, actualmente é de oito mezes, cogitando-se de o augmentar para um anno. Os officiaes superiores alumnos são obrigados á defesa de uma these, consoante um assumpto qualquer de Arte Militar, o que farão no espaço de seis semanas, devendo ser apontadas as fontes onde foram bebidos os conceitos emittidos.

Os capitães-tenentes, porém, além da th. se já referida, são obrigados a um exame que os preparam para os commandos e tudo mais que diz respeito ás necessidades do Estado Maior da Armada.

Os officiaes diplomados, obterão, em harmonia com as notas conquistadas, dois diplomas, um de honra, exclusivamente conferido aos que tiverem conseguido o maximo de aproveitamento nas disciplinas professadas, e outro, simples diploma de approvação.

Quando, porém, o official-alumno não conseguir as notas pelo regulamento estipuladas, será considerado sem o respectivo curso, constando em sua caderneta apenas o seguinte: «Effectuou matrícula a tanto, foi desligado a tanto.»

Os estados maiores dos almirantes e os commandos dos dreadnoughts serão dotados, pelo menos, de um official com esse curso.

A primeira turma diplomada acha-se actualmente no Estado Maior da Armada, onde de ha muito se entrega ao complexo problema de nossa defesa maritima.

Fitando o soerguimento do estímulo decadido, cogita-se de uma lei que só permitta o acceso por merecimento aos officiaes diplomados pela Escola Naval de Guerra, respeitando-se no entanto os direitos adquiridos pelos actuaes capitães-tenentes, direitos que se extinguirão com a sua promoção a capitães de corveta, uma vez

que estes officiaes se matricularem a um tal curso.

Seria, portanto, extranhavel e mesmo pecaminoso que nós que nos achamos no mesmo pé e que soffremos dos mesmos males, não seguíssemos a róta traçada pelos nossos irmãos d'armas.

Que venha a Escola de Commando e teremos cravado o P T da tangente que nos ha de levar á preparação do Exercito para a defesa nacional.

Do camarada e amigo ex-corde

Cap. de Artilharia José de Castello Branco.

Escola de Cavallaria

Nos nossos artigos anteriores mostramos a necessidade que temos de uma escola para a formação de instructores de cavallaria e apresentamos um projeto de regulamento a titulo de ponto de partida para um estudo do assumpto.

Procuramos dar á escola uma feição inteiramente practica, com um funcionamento simples, em que são garantidos os interesses reaes do exercito e assegurado um resultado proveitoso do objectivo em vista.

Em quatro annos de existencia da escola ter-se-iam quatro instructores de equitação em cada regimento de cavallaria, ou seja um por esquadrão, e estaria assim resolvida no exercito a grande diffuldade da unidade de metodo num dos ramos mais importantes do preparo da tropa montada. Todos os regimentos poderiam então organizar, na época da instrucção individual, uma escola de equitação para os officiaes subalternos, sob a direcção do mais habil dos instructores vindos da Escola de Cavallaria. E assim cada turma nova que se matriculasse na escola apresentaria um gráo de adeantamento maior, donde poderiam tirar partido os instructores. Desta sorte o ensino na escola seria um prolongamento dos trabalhos nos regimentos.

O afastamento de um official subalterno durante um anno em cada regimento, seria fartamente compensado com a garantia que se teria da preparação dos futuros bons capitães de cavallaria.

Consultando assim as necessidades do exercito, o nosso modesto trabalho attende tambem á situação precaria em que nos achamos. A solução dada ao problema harmonisa-se perfeitamente com a falta de recursos de que é dotado o orçamento da Guerra. A nova escola traria ao governo

uma despesa insignificante, que desapareceria em face do resultado pratico que em pouco tempo apresentaria. Um ligeiro estudo das exigencias da Escola de Cavallaria em pessoal e material deixa facilmente ver isto.

Não ha, pelo regulamento, pessoal militar com remuneração especial — todos recebem os vencimentos que lhes caberiam nos seus regimentos. São sómente nove os empregados civis, que percebendo uma média de 5\$ diarios cada um, custariam 16:200\$ annualmente. As outras despezas annuaes seriam: remonta, forragem e ferragem, illuminação e expediente.

Vejamos um calculo destas despezas. Os animaes da remonta poderiam ficar ao governo, postos aqui no Rio, por uma média de 300\$. E como, passado um anno na escola, esses animaes seriam aproveitados para os corpos de cavallaria da 3^a divisão, que estão pagando 500\$ por cavallo de montaria de official, teríamos uma economia de 200\$ em cada animal que recebessem esses regimentos. A escola precisaria de 45 animaes para a instrucção dos officiaes, despendendo portanto o governo 13:500\$ com a remonta dos 1º e 13º regimentos de cavallaria.

Haveria, assim, na aquisição dessa remonta uma economia de 9:000\$, com a vantagem daquelles regimentos receberem cavallos perfeitamente adextrados e aptos para o serviço na tropa. Esses 45 animaes gastariam durante o anno que passassem na escola 22:194\$ de forragem e ferragem á razão de 1\$370 diarios. O accrescimo de despezas com elles seria, pois, sómente de 13:194\$000.

$$(22:194\$000 - 9:000\$000 = 13:194\$000)$$

Juntem-se a essas despezas, 500\$ para illuminação e 300\$ para expediente, e tem-se que a Escola de Cavallaria custaria á Nação 30:194\$ annuaes.

Trinta contos para se ter uma escola de applicação para officiaes! Mais que isto recebe um professor da actual Escola Militar.

A installação da escola, feita a aquisição do material necessário á medida do possível, não exigiria grandes despezas do Ministerio da Guerra. Seriam aproveitadas algumas dependencias do velho palacio de Santa Cruz, cujos arredores se prestam perfeitamente aos exercícios no exterior. Um pequeno melhoramento nas baías do antigo 5º regimento de artilharia as torna-

ria em condições de receber a cavallada da escola. No mais ficariam faltando dois picadeiros, cuja construcção seria facil com o material encostado da Villa Militar, que tambem poderia ser aproveitado para a preparação do campo de obstáculos, apparelhos de gymnastica, etc.

Eis o caminho que temos para dotarmos o nosso exercito da escola que elle mais precisa. Nada pôde haver mais pratico e mais economico.

Reflictamos um pouco na situação em que se acham os officiaes de cavallaria, procurando os mestres para aprender, forçados que são a se responsabilisarem pelo prepero dos soldados. Reflictamos nas vantagens que adviriam para a instrucção da tropa com a preparação cuidadosa de instructores de cavallaria. Pensemos na brillante instrucção dos futuros esquadões de cavallaria, entregues a capitães capazes, perfeitos conhecedores das difficuldades da profissão. Avancemos mais em imaginação, e pensemos nos regimentos que tiverem á sua testa coroneis que tenham passado por uma escola onde se faça exclusivamente equitação, esgrima, gymnastica e tiro.

E' preciso lembrar esses resultados da Escola de Cavallaria para não se ter duvida sobre as suas vantagens.

1º tenente Euclides de O. Figueiredo

Exames de Grupo

Realisaram-se nos primeiros dias do mez proximo passado os exames de Grupo no 1º R. A. Essa prova obedeceu ao espirito e á doutrina dos nossos regulamentos, visando em primeiro plano a essencia do objectivo da tropa — a preparação para a guerra.

Como era natural, maximé sendo a primeira vez que se realizava tal prova, houve erros a registrar, mas abençoados erros, porque trouxeram ensinamentos.

Delles tirou partido immediato o sr. commandante do Regimento, coronel Inocencio de Barros Vasconcellos, que, em judiciosa critica, com espirito rigorosamente militar, os fez resaltar com simplicidade e clareza, apontando as soluções que deviam ter sido dadas em harmonia com a tactica da arma e com a doutrina dos regulamentos em vigor.

Ao iniciar a critica, o sr. coronel felicitou-se por lhe ter cabido a honra de ser o primeiro commandante que leva o Regimento a esse degrão do Regulamento de Instrucção.

Com verdadeiro prazer *A Defeza Nacional* associa-se a essa auto-felicitação fazendo ardentes votos para que este exemplo de cumprimento do dever fructifique e faça proselytos a bem da Patria e da Republica.

* * *

Exame do 2º Grupo (resumo) (*)

THEMA 1 — OFFENSIVA

1. Situação e missão — O 2º G. do 1º R. A. acha-se a N da caixa d'agua da Villa Militar, entre esta e o 2º R. I. aguardando ordens. O commandante do G. acha-se com o da artilharia na primeira colina a SO do morro do Magalhães, quando recebe ordem de tomar posição com o G. afim de bater o sector Marangá numa amplitude de 350 millessimos a contar da fazenda Argollo para a esquerda. Com esta ordem recebe um esboço perspectivo (A) do sector e a informação de que a infantaria amiga, cujo ataque ás posições inimigas o G. vae proteger, está atravessando a Estrada Real de Santa Cruz entre a estrada do Aero-Club Brasileiro e a Escola Militar de Aviação, afim de assaltar as posições 1 e 2 ocupadas pela infantaria inimiga. Deve ser mantida rigorosa vigilância sobre a esquerda do sector, onde é de temer o aparecimento de forças inimigas.

— O commandante do G. toma posição com sua unidade (esboço C — 4ª, 5ª e 6ª) e enquanto a bateria esquerda prepara vigilância sobre a esquerda do sector, as baterias direita e centro, que já haviam preparado o tiro, rompem fogo contra 1 e 2.

2. Em 3 e 4 denunciaram-se duas baterias inimigas. Ao que parece, só uma

dellas atira contra a nossa infantaria. Observa-se que a queda de projectis nas proximidades de nossas baterias corresponde á velocidade de fogo da bateria em 4 e tambem que os sulcos deixados no terreno por alguns projectis percutentes correspondem á direcção dessa bateria.

— O commandante do G. ordena que a bateria esquerda contrabata a bateria em 3.

3. E' observado um estado-maior em 5.

— O commandante do G. dá ordens para que a bateria da direita atire sobre o estado-maior.

4. Desapparece o estado-maior. A nossa infantaria avizinha-se de 1. O fogo da bateria em 4 não é mais dirigido contra as nossas baterias e nota-se agora um intenso arrebentamento de projectis sobre a nossa infantaria que effectua o assalto sobre 1.

— O commandante do G. determina que a bateria da direita cesse fogo sobre 1 e desloque o feixe para bater a infantaria inimiga em 2.

5. A posição 1 foi ocupada pela nossa infantaria; a bateria em 3 cessou fogo. E' notada cavallaria inimiga em 6.

— O commandante do G. ordena que a bateria esquerda bata essa cavallaria.

O thema foi resolvido no terreno sob a acção de um aguaceiro impertinente, o que não impedio a presença de um grande numero de officiaes e entre elles os srs. generaes Ilha Moreira, inspector de Artilharia e Celestino Bastos, commandante da 3ª Brigada da arma.

Critica. — Meia hora depois, reunida toda a officialidade no Casino do Regimento, em presença dos generaes que assistiram ao exame, o coronel commandante deu inicio á critica, da qual aqui damos, devidamente autorisados, uma idéa, senão muito exacta, ao menos approximada.

Eil-a:

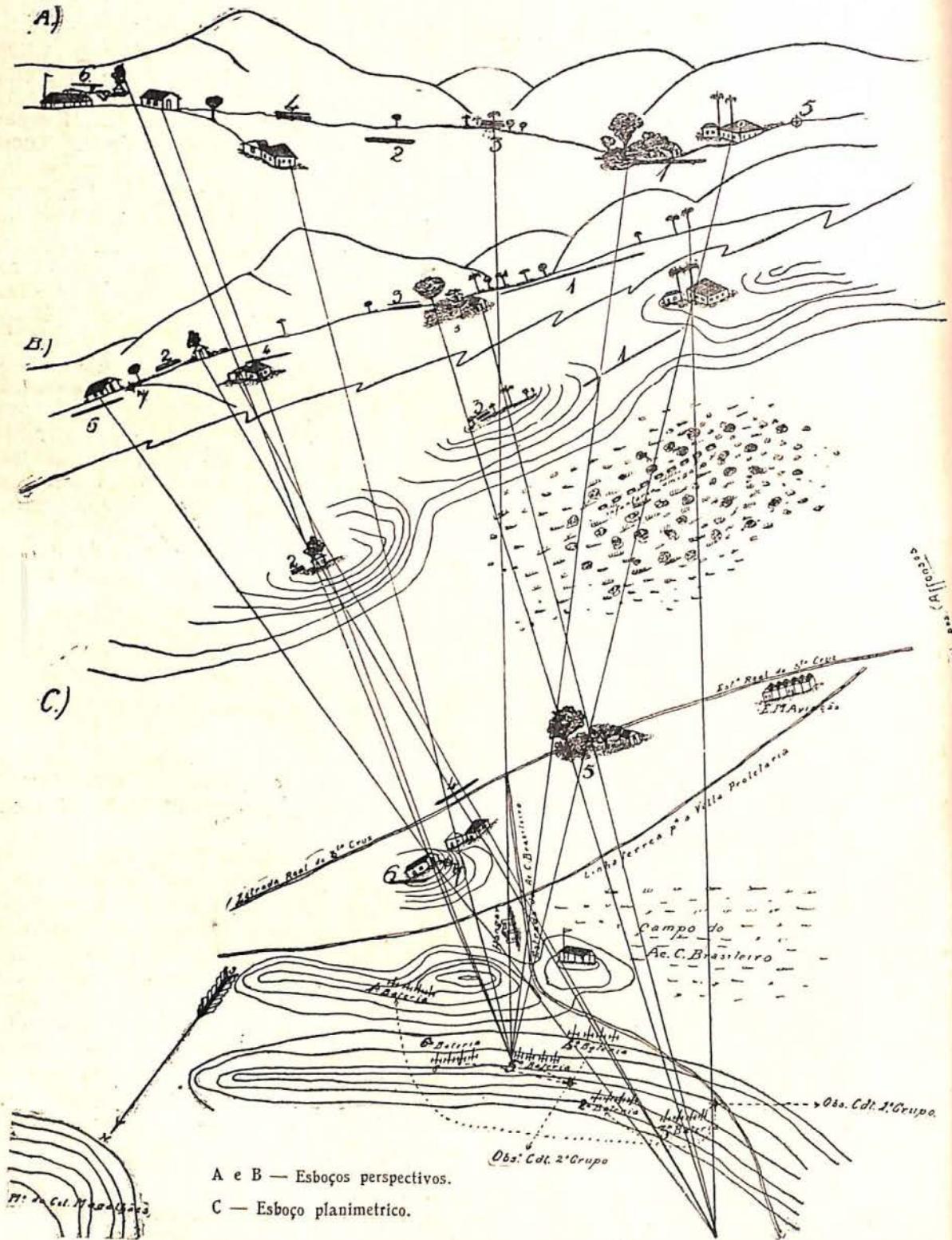
— O Sr. major commandante do Grupo, ao receber a ordem inicial do thema, achava-se commigo, que exercia o papel de commandante da artilharia das nossas forças, na primeira colina a SO do morro do Magalhães. E' claro que se ali estávamos, tendo á vista o sector attribuido ao Grupo, e constando da ordem inicial a existencia de infantaria amiga cerca de novecentos metros á nossa frente, é porque estava feito o reconhecimento do terreno. O accesso e tomada de posição do Grupo

(*) As diferentes situações do desenvolvimento do thema do 2º Grupo e a critica respectiva devem ser acompanhadas no esboço perspectivo A constante da gravura annexa. As do 1º Grupo pelo esboço perspectivo B. Os dois themas podem ser acompanhados no esboço planimetrico C, mas, para não complicar a figura, neste ultimo só estão assignaladas as posições inimigas correspondentes ao thema do 1º Grupo. Na gravura figuram simultaneamente as seis baterias do Regimento, para evitar outro cliché, mas o leitor no thema 1 só deve levar em conta as 4ª, 5ª e 6ª e no thema 2 as 1ª, 2ª e 3ª baterias.

podiam ser feitos sem maiores precauções, bastando a designação de um guia para a marcha, função que podia ser desempenhada pelo próprio portador da ordem de avançar. Enquanto o Grupo avançasse para

a posição, os capitães iriam a galope ao encontro do commandante.

Este lhes daria então os esclarecimentos necessários ao perfeito conhecimento da situação e da missão a desempenhar,



indicando-lhes a zona em que deviam estabelecer suas baterias e a posição do observatorio do Grupo. Dentro da zona indicada os capitães escolheriam local para suas baterias com desenfiamento e espaço morto compativel com a missão, e determinariam os outros elementos necessarios á preparação do tiro. As baterias que então já deviam ter-se approximado, entrariam em acção nos logares determinados.

Isto teria abreviado em muito a tomada de posição, mas o sr. major commandante do Grupo interpretou mal a situação. Foi ao encontro de suas baterias e de lá voltou com um grande pessoal de reconhecimento, como se estivesse marchando em terreno suspeito, fazendo alem disso uma peregrinação pelo morro do Magalhães, onde facilmente podia ter sido visto pelo inimigo.

Este facto occasionou grande demora na entrada em posição, o que seria altamente prejudicial á nossa infantaria que, como está figurado no thema, já estava ganhando terreno para o assalto.

A escolha da posição para o Grupo tambem não foi feliz. Por traz do observatorio do Grupo, uma inclinação suave do terreno e uma area bastante vasta pareciam naturalmente indicar a posição, permitindo um accesso perfeitamente desenfiado e evitando assim o inconveniente da posição que foi tomada, na frente do observatorio do Grupo, pois que, para attingil-a, duas baterias, a 4^a e a 5^a tiveram que subir até a crista e descer pela vertente opposta da colina, criminosamente ás vistas do inimigo, fazendo a 5^a um passeio de ida e volta até a colina fronteira.

1. Assim que haviam terminado a preparação do tiro o sr. major ordenou que as baterias direita e centro rompessem fogo sobre 1 e 2. Foi uma ordem acertada.

Mesmo que o grupo tivesse tomado posição no mais curto tempo possivel, pela situação do thema já a nossa infantaria devia estar em posição de onde só poderia avançar pela supremacia do fogo.

Ora, estando a infantaria inimiga na defensiva, certamente auxiliada por obras de defesa, só uma energica acção da nossa artilharia, que desmoralisasse ou perturbasse a calma do inimigo, poderia mais facilmente garantir á infantaria assaltante essa supremacia.

Assim, seria um erro abrir fogo com

uma só das baterias, reservando as outras para objectivos que pudessem surgir ultimamente.

Até mesmo a bateria esquerda, desde que estivesse com a vigilancia preparada sobre o seu sector (o que era uma missão importante, uma vez que o thema establecia ser *de temer* o apparecimento de forças inimigas naquella direcção) podia ser aproveitada para reforçar o ataque sobre a infantaria inimiga, ficando um official encarregado de observar o sector de vigilancia. Dado o apparecimento ahi de forças inimigas, uma simples alteração de deriva traaria o feixe da bateria para o seu sector.

2 Aberto o fogo sobre a infantaria inimiga em 3 e 4 denunciaram-se duas baterias. Pelas indicações do thema conclue-se que a bateria em 4 atira contra o Grupo e a bateria em 3 contra a nossa infantaria. O commandante do grupo agio muito acertadamente fazendo a bateria esquerda tomar para objectivo a bateria em 3, uma vez que já havia preparado a vigilancia. Seria altamente inconveniente lançar mão de uma das outras duas baterias que desempenhavam um dos papeis mais importantes e honrosos para a artilharia, qual o de proteger a arma irmã numa situação de heroico sacrificio, como seja a de um assalto sobre uma posição entrincheirada.

(A este respeito diz Percin (*): Couramment on voyait des batteries lâcher leur objective pour répondre à l'artillerie adverse, quand ce soin incombait à des contrebatteries disponibles.

Ce n'est pas au moment où l'ennemi nous empêche d'accomplir notre mission que nous allons en entreprendre une plus lourde.)

A bateria em 4 ficou sem resposta imediata, no que andou muito bem o commandante do Grupo. No correr do combate chegaria a occasião de contrabatela, mas de momento, na situação figurada, uma missão mais importante se impunha á unica bateria disponivel. Dada a situação de desenfiamento em que se achavam as baterias do Grupo, só com muita dificuldade, tempo e gasto de munição poderia a bateria inimiga causar-lhes algum dano, insignificissimo em face do que poderia sofrer a nossa infantaria se retirassemos a protecção que lhe estavamos

(*) As observações entre parenthesis são da redacção.

dispensando para attender a essa contra-bateria inimiga.

Seria um crime se, para poupar-nos a nós mesmos de pequenos prejuizos pessoaes e materiaes, proporcionassemos ao inimigo ensejo de anniquilar a nossa infantaria.

(A este respeito diz Rohne: Se a artilharia inimiga abandona a infantaria atacante para voltar-se contra a artilharia desta, isso constituirá um resultado altamente desejavel, mas que não deve servir de pretexto para a lucta com essas baterias; só quando se dispõe, por ventura, de um excesso de baterias, pôde-se responder ao seu fogo.

Lutar contra a artilharia inimiga enquanto ella atirar contra a infantaria atacante.

Durante o periodo da decisao recomenda-se (*) á artilharia *uma inabalavel perseverança até o ultimo momento*; ella é altamente honrosa mesmo se acarreta a perda das peças.)

3. E' observado um estado-maior em 5. O commandante do Grupo encarregou a bateria direita de batel-o. Esta bateria foi desviada por um momento de sua importante missão, mas um estado-maior é um objectivo precioso e fugaz que cumpre não deixar escapar. Alem disto, esta bateria que estava com a alça regulada para uma posição proxima daquella em que apareceu o estado-maior, era a que melhor se prestava a batel-o. Um objectivo nestas condições é um objectivo instantaneo e depois de um, dois ou tres grupos de tiro, ficou a bateria desembaraçada para voltar á sua missão.

Andou, portanto, muito bem.

4. A nossa infantaria approxima-se de 1. A bateria em 4 cessou o fogo sobre as nossas e dirige-o contra esta infantaria.

O commandante do Grupo mandou cessar o fogo sobre 1 e deslocou o feixe da bateria direita sobre a infantaria inimiga em 2. Procedeu erradamente; a bateria em 4 era o objectivo que então se impunha, porque estava batendo de flanco a nossa infantaria exactamente no momento mais perigoso e importante da lucta. Alem disso a infantaria em 2 estava sendo batida pela bateria centro.

5. A posição 1 foi ocupada pela nossa infantaria; a bateria em 3 cessou fogo e é observada cavallaria inimiga em 6.

(*) Recomendação tão applicavel á defensiva como á offensiva.

O commandante do Grupo acertadamente encarregou a bateria esquerda desse objectivo, não só porque essa bateria era a que tinha preparado vigilancia sobre aquella zona, como tambem porque a bateria em 3 já não incomodava mais a nossa infantaria e tratava provavelmente de retirar-se, sendo agora um bom objectivo para a cavallaria amiga, que não foi figurada no thema.

E aqui findou a critica do exame do 2º Grupo.

Na ordem inicial havia sido pedido um esboço plamimetrico do sector de combate e a apresentação dos boletins de tiro das baterias, mas essa disposição não foi cumprida, pelo menos na occasião da exposição oral feita pelo commandante do Grupo. Talvez o tenha sido no relatorio escripto. Foi pena, porque acompanhada no esboço planimetrico a exposição tornar-se-ia mais facil e precisa, e os boletins de tiro diriam com rigor o modo pelo qual foram cumpridas pelas baterias as suas missões.

Exame do 1º Grupo (resumo)

THEMA 2 — RETIRADA

Situação e missão — O 1º Grupo do 1º R. A., pertencente a um destacamento em retirada de Marangá para o Norte, ao approximar-se do Aero-Club Brazileiro, recebe ordem de tomar posição entre este e o morro do Magalhães, afim de proteger a retirada da infantaria e de baterias amigas que se acham empenhadas em combate a S E do referido morro do Magalhães, no sector que vae da fazenda Argollo até 350 millesimos para a esquerda.

(Como se vê a missão era ainda geral e preparatoria, pois não foi dada nenhuma designação especial de objectivo.)

— O commandante do G., que com sua unidade se achava em frente ao hangar do A. C. B., ordenou que a 1ª bateria galgasse a primeira colina a N do logar onde se achava e ahi entrasse em accão (esboço C — 1º) abrindo imediatamente fogo sobre o inimigo, afim de proteger a entrada em posição das outras duas. Em seguida, quando a 1ª já procedia ao accionamento, as outras duas seguiram pelo mesmo caminho, passando pelo flanco esquerdo daquella, em direcção ás posições 2º e 3º, pelo caminho assinalado em linha pontuada.

1. Em 1 é assinalada infantaria ini-

miga e o commandante G. recebe ordem de impedir a todo transe que essa infantaria penetre na zona coberta que lhe fica em frente, por onde se escôa a nossa infantaria.

— O commandante do Grupo manda abrir o fogo das tres baterias sobre a infantaria inimiga em 1.

2. E' assignalada em 2 uma bateria inimiga que dirige seus fogos contra as nossas baterias e em 3 outra bateria que começa a bater violentamente a zona coberta por onde se retira a infantaria amiga.

— O commandante do Grupo dá á bateria centro a missão de contra-bater a bateria em 3 e á esquerda a bateria em 2.

3. O commandante do Grupo é informado de que a cerca de mil metros de distancia, em 4, surgiu uma força de cavallaria inimiga que pretende provavelmente cortar a retirada da nossa infantaria que já deve estar galgando a Estrada Real nas immediações do bosque 5.

— O commandante do Grupo entrega á bateria esquerda a missão de bater essa cavallaria.

4. Em 6 são assinaladas forças de infantaria inimiga.

— E' encarregada a mesma bateria.

5. Apparece um estado-maior em 7.

— A' mesma bateria coube a missão de bater esse estado-maior.

Critica — A critica teve inicio nas mesmas condições que a anterior, estando presente o sr. general commandante da 3^a Brigada de Artilharia, que acompanhou de perto o desenvolvimento do thema no terreno.

Eis-a aproximadamente :

— Pela situação figurada no thema, o Grupo na retirada que vinha fazendo não trazia determinação anterior de local para a sua nova posição, o que só recebeu ao defrontar o hangar do A. C. B. Isto quer dizer que por occasião do Grupo abandonar a posição anterior que tivera no combate, as nossas forças que permaneceram em contacto com o inimigo ainda podiam detê-lo pelo tempo necessário para que fossem escolhidas as mais propícias posições para as forças em movimento, de modo a tornar o mais efficaz o apoio que estas deviam prestar áquellas quando lhes chegassem a vez de retirar.

Ao receber a ordem de tomar posição nas proximidades do logar em que então

se achava, cumpria ao Grupo agora efectuar essa operação no mais curto prazo possível de modo a estabelecer rapidamente todas as suas baterias em vigilância sobre o sector.

Na ordem inicial do thema não havia nenhuma designação especial de objectivo, pela simples razão de que elle ainda não havia aparecido para nós, porque a nossa linha de rectaguarda ainda o mantinha no terreno por traz das elevações que ella ocupava.

Nestas condições o que em primeiro logar devia preocupar o commandante do Grupo era a entrada rápida em posição, mas em posição apropriada, que garantindo um pequeno espaço morto, permittisse ao mesmo tempo uma retirada desenfiada quando novamente fosse necessário fazê-la para não ser anniquilado, pelo inimigo que dirigindo o fogo já de muito perto, poderia facilmente obter esse resultado no caso do Grupo se retirar a descoberto.

Esta precaução necessaria para a futura saída de posição, não era entretanto de absoluta necessidade para a entrada, pois o inimigo ainda estava em contacto e detido pela nossa linha da rectaguarda.

Não ha duvida que será sempre preferivel entrar em posição completamente fóra das vistas do inimigo, quando isto não acarrete perda de tempo que possa redundar em desprotecção para as forças amigas.

As posições que o commandante do Grupo designou á segunda e á terceira baterias obedeciam perfeitamente ás necessidades da situação, mas no grande espaço de tempo decorrido do recebimento da ordem até essas baterias entrarem em acção, foram commettidos alguns erros que precisamos salientar.

Pelo lado de fóra e encostado á cerca do A. C. B. ha um caminho perfeitamente carroçável que vem dar no aldeamento do 2º R. I. e que passa junto ao logar onde o commandante do Grupo estabeleceu o seu observatorio. Por ahi o Grupo podia attingir rapidamente a posição, evitando desperdicio de tempo. O facto de poder ser visto de algum observatorio inimigo o movimento do Grupo não tem nenhuma importancia, primeiro, porque o inimigo devia achar-se muito distante e ocupado com a nossa rectaguarda, e segundo, porque pelo caminho mais longo e difficult que seguiu, não evitou esta circumstancia, ao

contrario, agravou-a, por que tendo que passar por um pequeno trecho a descoberto, uma das baterias permaneceu em alto mais de um quarto de hora nesse trecho, esperando que a bateria da frente completasse um pequeno trabalho de sapo que se vio forçada a fazer para poder continuar a marcha.

Outro erro, mas este de natureza mais melindrosa, foi commettido, talvez pela natural precipitação do momento ou por uma má interpretação da ordem inicial do thema.

Como já dissemos, a primeira situação decorrente dessa ordem devia ser a de vigilancia sobre o sector, pois não foi figurada nenhuma indicação especial de objectivo.

O facto de o commandante do Grupo o figurar, como o fez, podia parecer mais o desenvolvimento de um thema seu, improvisado na occasião, do que subordinação ao thema que continha as situações imaginadas para o exame de sua unidade.

Assim foi que a 1^a bateria tomou posição (esboço C) com duas peças mascaradas e duas outras a descoberto, rompendo imediatamente um fogo energico, provavelmente sobre a nossa propria tropa, pois que a inimiga ainda não estava figurada.

A entrada em acção dessa bateria, como foi ideada e realisada, para proteger a tomada de posição das outras duas, só poderia trazer effeitos desagradaveis.

Se, por hypothese, o inimigo pudesse na occasião hostilisal-a, por não estar em contacto com outra tropa, destruiria não só essa bateria como tambem a outra a que nos referimos e que ficou por longo tempo em alto, a descoberto, exactamente por traz da 1^a e a muito pequena distancia.

Accresce mais que a 1^a bateria ahí ficou durante todo o desenvolvimento do thema, enquanto que as outras foram colocar-se muito distante, com o commandante do Grupo, que por sua vez perdeu acção efficiente sobre aquella bateria.

Se, por hypothese, (que felizmente não figurava no thema) as forças amigas só estivessem esperando o rompimento do fogo do Grupo para iniciarem a retirada, ver-se-iam talvez sacrificadas, porque a 1^a bateria, na posição em que estava, seria facilmente posta fora de combate e as outras, na melhor das conjecturas, não estariam ainda em condições de proporcionar ás forças retirantes a protecção necessaria.

1. Em 1 é assignalada infantaria inimiga e o Grupo deve *impedir a todo transe* que essa infantaria penetre na zona coberta por onde se escôa a nossa infantaria. O commandante do Grupo muito acertadamente mandou abrir o fogo das tres baterias sobre essa infantaria. Não havia ainda surgido nenhum outro objectivo, pelo que todas as baterias estavam disponiveis e o meio mais efficaz para cumprir a ordem recebida era exactamente fazer cahir sobre essa força inimiga uma impetuosa chuva de balins.

(A este respeito diz Rohne:

Tropas batidas necessitam ser acolhidas e só a artilharia é capaz de diminuir a poderosa efficacia do fogo de um inimigo que persegue. Ella deve deter com o seu tiro de tal modo a pressão da infantaria inimiga, que a infantaria em retirada possa desembarpaçar-se do inimigo, refazere-se e organizar sua columna de marcha.

Seria entregar ao inimigo os proprios trunfos se de antemão se guardasse uma reserva para as phases posteriores de batalha; meias medidas são sempre pernicio-sas no combate.)

2. E' assignalada em 2 uma contra-bateria e em 3 uma bateria de infantaria inimigas.

O commandante do Grupo retira de sobre a infantaria inimiga os fogos das baterias esquerda e centro para lançal-os respectivamente sobre 2 e 3.

Sobre a bateria em 3 essa alteração se impunha, porque essa bateria era um poderoso elemento contrário á nossa missão e por isso representava para nós um objectivo de alto valor, mas sobre a contra-bateria em 2 o commandante do Grupo andou mal avisado fazendo a bateria esquerda abandonar uma missão de resultado importante e immediato por outra de resultado difficult e duvidoso.

(Um tal facto constituiria para o inimigo uma circumstância altamente desejável.)

Nesse momento a nossa missão, nosso principal desideratum era salvar a nossa infantaria.

(A isto diz Rohne:

Para alcançar esse resultado, a artilharia deve perseverar até o ultimo extremo e não temer a perda de suas peças.)

(Teem tambem aqui inteira applicação as palavras de Percin acima transcriptas para argumentação no thema 1.)

3. Em 4 surge uma força de cavalaria inimiga que se destina, naturalmente, a cortar a retirada da nossa infantaria.

O commandante do Grupo incumbe a bateria esquerda desse objectivo.

(Aqui duplamente não houve acerto. Pelo esboço planimetrico que acompanha esta noticia, verifica-se que a bateria esquerda não podia bater o ponto 4, que fica directamente por traz da elevação em 6. Por outro lado uma cavalaria nestas condições é um objectivo fugaz que precisa ser batido quasi que instantaneamente. Ora, a bateria esquerda achava-se muito longe do observatorio do Grupo e não havia installação telephonica para ella. Em caso real, quando a ordem lá chegasse já a cavalaria inimiga estaria cumprindo a sua missão, liberta dos nossos fogos, porque se quizessemos batel-a atirariamos contra a nossa propria infantaria.

Teríamos assim que deixar a nossa infantaria entregue á sua propria sorte, a menos que tambem dispuzessemos de cavalaria, o que não era figurado no thema.

O R. T. A. 1914 art. 123 diz:

“... E' sempre para desejar que o commandante do Grupo fique tão perto pelo menos de uma bateria, que tenha segura influencia immediata sobre seu commandante, afim de poder, sem perda de tempo, dirigir o fogo dessa bateria contra objectivos instantaneos.”

A bateria direita estava portanto naturalmente indicada para essa missão.)

4. Apparecem forças de infantaria inimiga em 6. O commandante do Grupo encarrega a bateria esquerda de batel-a.

Foi bem deliberado e essa deliberação era uma consequencia logica da missão anterior, porque a cavalaria inimiga de qualquer forma desapareceria como objectivo, em poucos instantes.

Em contrario, só havia a demora na transmissão das ordens.

5. Apparece um estado-maior em 7. E' designada a mesma bateria. Houve acerto, porque a bateria já devia ter seu tiro regulado, de modo que uma pequena alteração de deriva seria sufficiente. Isto prevendo que a infantaria inimiga já se tivesse affastado do ponto 6, porque do contrario o proprio tiro sobre ella attingiria o estado-maior e nessas condições difficilmente esse objectivo seria ahi presen-ciado.

Seguiu-se a ordem de retirada do

Grupo tendo o seu commandante determinado como devia a retirada da columna ligeira de munição e das baterias do grupo.

O coronel commandante terminou sua critica dizendo que apezar dos senões apontados, que só pôdem trazer benefícios, estava muito satisfeito com o resultado geral, não porque elle bastasse por si mesmo, mas porque já era um indicio seguro da orientação profissional que o Regimento tinha abraçado pelo dedicado esforço dos commandantes de Grupo, da administração e de toda a officialidade.

Principalmente por occasião da critica do segundo exame, a impressão da assistencia foi de sympathia e de contentamento. A correcção do commandante do Grupo ao recebel-a, não declinando de suas responsabilidades, deixou patente aos olhos de todos que muito acima de subalternas vaidades pessoaes elle sabe collocar os altos interesses da instrucção — pela Patria.

No primeiro exame houve um ligeiro senão a este respeito, mas estas coisas, muito proprias da infancia em que ainda nos achamos, tendem a desapparecer com a adolescencia.

Para não alongar ainda mais esta noticia, deixamos de fazer referencia a certos serviços como de agentes de ligação, observadores auxiliares, distribuição de sectores dentro do Grupo, ponto de orientação etc., que foram contemplados na exposição dos commandantes de Grupo e na critica respectiva.

Que o exemplo do 1º Regimento de Artilharia medre, floresça e fructifique desde o Chuy ao Oyapoc, são os votos de todos os que amam esta Patria.

C. L. M.

Na impossibilidade de continuar a colaborar na commissão nomeada pelo Aviso n. 154 de 14 de Novembro de 1915, composta dos Srs. tenente coronel R. C. Telles Pires, capitão J. de Castello Branco e por mim, exponho todavia o meu parecer a respeito. A nomeação foi para «sem prejuizo dos serviços que lhes estão affectos, dizerem das condições, conveniencia e oportunidade da modificação feita em um dos carros de munição do material de artilharia de campanha 7^{cm}, 5 C/28 Tiro Lento, para transporte de munição da actual ar-

tilharia de campanha T. R. nas columnas de munições."

Divido o meu parecer em duas partes, a primeira relativa á conveniencia e oportunidade do aproveitamento das viaturas de munição de material em desuso e sua consequente modificação para apropiá-lo ao seu emprego no remuniciamento da artilharia de T. R., a segunda relativa ás condições da modificação feita no Arsenal de Guerra em um dos exemplares das viaturas de 1894.

I

A artilharia de campanha, especialmente a de tiro rapido, não tendo outras viaturas de munição senão unicamente as das baterias de combate, pôde-se comparar a uma infantaria que só dispuzesse da munição de suas cartucheiras. Effectivamente, o armão da peça e a sua v. m. são sómente as cartucheiras do canhão. Em todos os exercitos organisados as baterias de combate dispõem de um primeiro escalão de remuniciamento permanentemente atribuído ás unidades de combate, distribuidos e subordinados ou directamente ás baterias, como na França, ou aos commandos de grupos, como na Alemanha. Um segundo escalão de remuniciamento, que se destina a reabastecer o primeiro (em casos excepcionaes directamente as unidades combatentes) acha-se organizado e á disposição dos commandos das grandes unidades. Entre nós estes dois escalões do remuniciamento da artilharia apenas acabam de surgir no papel. *E' pois de toda a conveniencia* tratarmos de dotar a nossa artilharia desse material imprescindivel ao desempenho da função de que deve ser capaz. Como todas as questões de defesa nacional, em particular as que entendem com o seu apparelhamento material são sempre urgentes, e attendendo ao actual depauperamento das finanças nacionaes tanto quanto á impossibilidade de fornecimento pelo estrangeiro e á incapacidade da industria nacional, é tambem evidentemente *de toda a oportunidade* cuidar-se de uma solução para o nosso remuniciamento da artilharia.

Sendo, portanto, indiscutivel a conveniencia e a oportunidade de se resolver este problema, tambem fica fóra de duvida que *convém e é opportuno* o aproveitamento do material em desuso, transformando-o para esse fim.

A objecção de que nós temos pouca

artilharia de T. R., que certamente por isso em caso de guerra teremos de recorrer ao material de tiro lento, que — feita a transformação de suas v. m. — este então não teria nem ao menos as suas «cartucheiras», não prevalece por diversos motivos. Figurando-se o caso, é claro que só depois de verificada a insuficiencia de toda a artilharia de T. R. é que ha de entrar em accão a de T. L.; nada mais natural portanto que o material a entrar em linha em primeiro lugar seja o mais possivel completamente apparelhado, podendo o material menos perfeito, empregado em ultimo caso, ter a sua munição transportada por um *processo de occasião, aliás de antemão estudado* pela autoridade competente. (Viaturas civis compradas ou requisitadas na occasião necessaria)

E esta objecção pôde-se enfraquecer ainda mais, se não fôr ordenada a transformação de todas as viaturas 1894, mas sómente, no maximo, das que excederem de 90, ficando pois assegurados a cada uma das 30 baterias de T. L. os seus tre-carros-manchegos. (O material de T. L. de 6 peças por bateria e trabalha com um v. m. para cada secção de duas peças).

Sabendo-se que existem (no papel pelo menos) 232 viaturas 1894, poder-se-ia poi conservar 90 para as trinta baterias de reserva e transformar as 142 restantes, d modo a dotar 8 grupos de artilharia montada (ou 3 grupos de artilharia a cavall e 6 de artilharia montada) com as sua c. l. m. (A' rasão de 6 v. m. por bateria segundo projecto do G. E. M.)

II

Acceitando a idéa de applicar nos cofres da v. m. 1894 o sistema de acondicionamento em alveolos como solução mai simples, mais rapida e mais economic, sou entretanto de parecer que são imprescindiveis algumas alterações de detalhe.

(Preciso deixar consignado que, e principio, o sistema de alveolos, parec me, não teria applicação a estas viatura que por não serem couraçadas — sem fal em outros accessorios — não se presta a ficar na linha de fogo, situação unic em que se recomenda o alveolo por apresentar directamente cada cartucho isolado.

Assim sendo, o acondicionamento de veria ser em cestas ou gavetas, cada um comportando tres ou quatro cartuchos, facilitando a rapidez do descarregamento

sem risco de accidente por choque de um no outro ou em corpo duro estranho.)

a) As paredes de taboa em que os projectis ficam presos pelo capitél devem ter outro modo de fixação, pois por parafusos, como está feita, não é pratico: os parafusos caem, a parede desloca-se, o projectil passa a ser trabalhado na cinta de forçamento, ou a espoleta se desattarracha, chegando mesmo a cahir.

Lembro a fixação por meio de canto-neiras ou de travessas (de madeira mesmo) que impeçam a parede de fugir do projectil.

b) Absolutamente não me parece conveniente a retirada das varandas de nenhum dos jogos da viatura. As viaturas da c. l. m. não devem contar sómente com os conductores; elles devem tambem levar artilheiros, no minimo dois por viatura, não só para o seu serviço mas tambem para suprir as baixas de serventes nas baterias de combate. Para este pessoal e para transporte de equipamento individual, forragem, etc., as varandas fazem falta. O augmento de peso d'ahi resultante é muito pequeno.

c) Acho necessario dotar as viaturas de um *freio de marcha*, bem como de um *descanso* no jogo trazeiro.

Observação. --- O meu parecer na parte sob letra a) funda-se na unica experiência por mim realizada, quando fui buscar a viatura no Arsenal de Guerra (Cajú) para o quartel do 1º R. A. (Villa Militar). Nessa viagem conduzi um cartucho em cada um dos tres cofres, trotando propositalmente nos trechos de máo calçamento. Não houve o mais leve inicio de desengastamento.

III

Considerações complementares.

a) Proponho que, conservando o uso de transportar as duas especies de munição na mesma viatura (enquanto não tivermos o projectil unidade) seja abolida a coexistencia de ambas no mesmo cofre, (o que só é admissivel no armão da peça.)

Cumpre então decidir se, nesta v. m. transformada, as granadas devem ser transportadas no armão, levando-se no retro-trem sómente shrapnells (proporção 44 gr. 66 sh. ou 40 % de gr.) ou se o armão ha de levar shrapnells, e o retro-trem gr. num cofre e sh. no outro (assentar então qual delles) (proporção 33: 77 ou 30 % de gr.)

b) Considerando que o problema do remuniciamento da artilharia de campanha sómente com o aproveitamento das v. m. 1894 e sua distribuição como c. l. m. aos

grupos, ficará apenas meio-resolvido se não se cuidar tambem da respectiva tracção, proponho que seja adoptado para estas viaturas o sistema de tracção directa pela cincha, a submeter devidamente a experiencias de arraste de viaturas carregadas, durante dias consecutivos (pelos mesmos animaes).

12—12—1915.

1º Tenente *Bertholdo Klinger*

Concurso de Apontadores

A proposito dos concursos de apontadores creados pelo complemento do R. T. Castro e Silva e modificados em Boletim do Exercito n. 427, devemos lembrar que é a segunda vez que tiveram lugar, e que, portanto, boas idéas a respeito devem estar firmadas entre nossos companheiros d'arma.

O 1º R. A. que actualmente se acha de parabens por ter galgado mais uns kilometros pela estrada que leva a instrucção á tropa, tornando regular o periodo de exercicios de grupo, de facto, muito ufano se mostra ao apreciar os resultados trazidos para a instrucção por este metodo de estimular com efficiencia o ensino por meio de concursos.

Causa orgulho contemplar essas duas turmas de apontadores ostentando o honroso distintivo que conquistaram, sem se desprezar os demais que receberam instrucção especial, tomando parte nos diversos concursos: são apontadores completos em seu mister.

Senões ha, embora pequenos, porém que serão facilmente arredados pelas autoridades a quem de direito e pelos futuros instructores no proximo anno de instrucção.

Assim poderemos expor, com o fim de auxiliar os, em forma de resumo, as impressões deixadas este anno pelos concursos, de tão bellos resultados.

E' necessário cumprir-se o n. 16 das alludidas instruções, pois trata-se de preparar apontadores para as baterias e não ensaiar os para uma apresentação habilidosa. Faz-se mister, portanto, não se deixar de exercitar os apontadores em pontarias a clarões de tiro, objectivos dos mais communs em campanha.

Torna-se imprescindivel que os commandos sejam dados regulamentarmente, de acordo com as instruções e com os casos reaes, afim de tornar efficiente o concurso

e não transformal-o em missa decorada, sendo até alguns camaradas de opinião que as provas tenham um seguimento salteado, á vontade de quem commanda.

Deve-se ter em vista transformar os apontadores em automatos, como os mais importantes orgãos de uma machina. A proporção que os commandos de tiro sejam dados é de suppor que não haja necessidade, salvo casos especiaes, de esclarecimentos sobre o objectivo, modo de fazer a pontaria, etc.

O fim do concurso é dar-lhes habilitação para agirem com desembaraço e independencia; é o complemento da instrucção annual. Precisamos a toda força esquivarmo-nos de viciar-los, maximé anunciando-lhes: agora é tal prova...

Existe grande repugnancia em se escolher pontos de objectivo e de pontaria além de 2000 metros. Algumas provas foram repetidas por este motivo; e porque não habituar apontadores de instrucção seleccionada ás grandes e mesmo ás médias distancias de combate? Com certeza não queremos enganar-nos a nós mesmos.

No segundo concurso annual as instrucções exigem que os commandos sejam dados pelos commandantes de baterias. Este anno houve luta de melindres, o que não aconteceu o anno passado, para com a commissão examinadora, que aliás se destina a julgar o serviço realizado pelos apontadores e não os commandos feitos pelos capitães.

Accresce ainda o facto da dita commissão ser chefiada pelo commandante do grupo. Este sim, pôde e deve fiscalizar os capitães.

A apuração deve ser executada com rigor. Sendo feita no proprio local, tem a vantagem de ganhar tempo e de estimular as praças em concurso, anunciando-se aos presentes os nomes dos vencedores, como foi feito no 2º grupo.

As mesmas instrucções não cogitando de carro de munição e muito menos de mais homens da guarnição da peça, tem por fim seleccionar ao extremo os apontadores das baterias.

Realmente, quem não reconhece o quanto deve ser aprimorada a instrucção desses serventes que constituem na linha de fogo a alma de uma bateria? Os demais serviços de uma peça não exigem essa selecção.

Se, ainda no segundo concurso, os

apontadores escolhem um ajudante, este tem por função conteirar unicamente, e jamais auxiliar aquelles, mesmo dando a alça. Neste ponto a 4ª bateria foi a unica que cumpriu o regulamento.

Finalmente, a assistencia por poucos momentos observou a disposição do n. 6, prejudicando em muito a execução das provas.

Aspirante a Oficial Orestes R. Lima.

Questões á margem Das «Cartas» de Griepenkerl

(Continuação)

XXXIII. Obstrucção de estradas

Decima Carta, pagina 160, 7.ª linha a contar de baixo: «... a companhia de engenharia, que levará a incumbencia de preparar em alguns pontos a obstrucção dos caminhos...» Reproduzimos, por estar ex-gottado o n. 23, o que ahi publicar-nos á pagina 363, sobre «destruições de vias terrestres», traduzido do R. do Serviço de Sapa em Campanha, para todas as armas, do exercito allemão:

202. As barragens de caminhos só preenchem seu fim si não fôr possivel contornal-as ou si causarem perda de tempo. Seu efecto será tanto maior quanto mais numerosas elles fôrem. Sua importancia augmenta si se acharem debaixo do fogo.

203. Barram-se as pontes, os aterrados, os côrtes, as ruas de povoações e mais desfiladeiros por meio de abatizes, barricadas de pedras, troncos de arvores, etc.; as ruas tambem podem ser barradas pela destruição sumaria de obras de arte; consegue-se o fim mais rapidamente atravessando na rua viaturas carregadas, embaraçadas umas nas outras, ligadas, e retiradas as suas rodas. Viaturas carregadas de feno ou palha prestam-se alem disso a serem incendiadas no momento asado.

Pôde-se dificultar a utilisação das estradas pelas viaturas (automoveis!) sulcando transversalmente o seu leito por meio de fossos ou atra-vessando-o com aterros.

Uma barragem facil de preparar e muito effeitz á noite é constituida por arame estendido de travez.

Grandes pedras espalhadas irregularmente em extensão de kilometros perturbam consideravelmente o movimento silencioso do inimigo à noite.

Pôde-se inundar ou encharcar uma estrada represtando algum curso d'água que a corte ou acompanhe.

Caminhos margeados de arvores, especialmente caminhos atravez de mattas, podem ser barrados com rapidez e radicalmente abatendo-se um grande numero de arvores de modo que se

atravessem, ficando ainda presas ao conto do tronco. Reforça-se ainda tal barragem por meio de tecedura de arame.

Difficulta-se a remoção das barragens de caminhos por meio de minas automaticas.

204. Os *váos* podem ser inutilizados temporariamente por meio de destroadores postos de pontas para cima, fixados no fundo da agua, taboas atravessadas de pregos, arvores pesadas muito esgalhadas, e redes de arame.

XXXIV. Combate de povoações e de mattas.

Decima primeira carta, pagina 170, 20^a linha: «... aldeia de Pournoy la Chéutive que se presta a uma boa defesa...»

Além do que está prescripto no nosso R. E. I. deve-se ter presente os seguintes pontos de referencia, que extrahimos do Manual de Lehnert.

1. Combate de povoações. a) *Defesa*. Linha de fogo nem sempre na orla da povoação, muitas vezes adiante della; depende do *campo de tiro*. Dividir o perimetro em *sectores*, para cada um uma unidade tactica constituída, com *reserva própria do sector*. No interior ou atraç da povoação *reserva geral*.

Organizar a defesa da orla por meio de *trincheras para atiradores*; preparar as cercas, os muros, as casas; instalar obstaculos (arame, abatizes) para fechar as aberturas da orla. No interior abrigos cobertos, caminhos de ligação, linhas de defesa, centros de defesa (igreja, fabrica, castello, etc.) Luta na orla. Se o inimigo penetra, *contralaque da reserva*; luta pelas casas e nas ruas; tentar rechaçar o inimigo para fóra da povoação.

b) *Ataque*. Larga preparação pela artilharia (tiro curvo). Tomada a orla, immediata penetração energica até ao outro extremo. Batida do interior e dominar a resistencia por fracções des tacadas. Organizar defensivamente a orla opposta. Nada de perseguição precipitada para além da povoação.

2. Combate de mattas. a) *Defesa*. A ocupação em geral não tem lugar na orla, mas um pouco aquem ou à frente della. Defesa sucessiva (claros da matta). Penetrado o inimigo, contra-ataques, especialmente ao flanco, para expulsal-o.

b) *Ataque*. Preparação pela artilharia contra a orla e facha de matta atraç d'ella (reservas inimigas!) Atacar de preferencia salientes. Conseguida a penetração, rapidamente *reconstituir as unidades*. Avançar no interior com frente não mui larga, linhas densas de atiradores, logo atraç fracções em ordem unida. Reservas escalonadas atraç das alas. Maximo empenho em chegar á orla opposta.

XXXV. Remuniciamento.

Decima primeira carta, pagina 175, linha 23^a: «... os commandantes de batalhão e o da bateria já tenham *por iniciativa propria* providenciado sobre o reabastecimento de munições. (Vd. R. S. C. 502, 507, 508, 513, 519).» O R. S. C. allemão, diz no capítulo Remuniciamento.

502. Os commandantes de todos os postos têm o dever de cuidar, de um lado, na devida economia das munições, de outro lado, no remuniciamento opportuno.

Nenhum meio deve deixar de ser tentado para levar munição á tropa em combate e alimentar o fogo, de cuja conservação ou extincção pode depender a sorte do dia.

503. No corpo de exercito o remuniciamento é regulado, em linhas geraes, pelo respectivo general.

Havendo um combate as columnas de munição de infantaria e de artilharia approximam-se, segundo as ordens de detalhe do commandante das columnas, baseadas na ordem do general, do campo de combate, ás vezes avançam até lá. Caso estejam attribuidas ás divisões, cumpre aos respectivos commandantes providenciar. E' preciso informar aos commandantes subordinados onde e quando poderão contar com as columnas de munição....

Infantaria

506. Antes de entrar no combate o conteúdo das viaturas de munição deve ser distribuido, todo ou em parte, aos homens.

507. No combate o remuniciamento é assegurado na medida do possível pelos reforços que vão á linha de fogo. Se por excepção esse serviço tiver que ser feito por portadores, esses devem ser escalados em unidades da retaguarda, que ainda não se achem em fogo. E' proibido mandar pessoal da linha de fogo buscar munição.

Sendo de esperar longa demora na mesma linha de fogo, convém ahi depositar munição sobrecorrente.

E' preciso tirar a munição dos mortos e feridos. A falta de munição deve ser participada para a retaguarda por meio de signaes (de bandeiolas, braços, gorros).

Officiaes e praças devem proceder ao remuniciamento em cada oportunidade, sem aguardar ordens.

A tropa deve dispôr não só da dotação regulamentar, mas sempre da maior quantidade possível.

508. As viaturas de munição cheias ficam durante o combate em posição abrigada, segundo indicação de seu commandante (sargento do trem), o mais perto possível da tropa combatente, em casos extremos, sem cuidar de perdas. Ellas devem fornecer munição a qualquer tropa que a reclamar, mesmo que não seja da sua unidade.

O commandante do batalhão providencia sobre o rapido reabastecimento das viaturas esvaziadas.

O commando superior tem que cuidar do remuniciamento opportuno das tropas em combate. Elle attribue ás tropas determinadas viaturas das c. m. de infantaria, de acordo com as respectivas participações ou, antes disso, por seu alvitre.

Até que cheguem as c. m. os commandantes de tropa farão, bem assegurando-se, uma reserva de munição, nas viaturas de tropas da retaguarda. Cavallaria, metralhadoras, sapadores, telegraphistas, aeronautas.

509. A D. C. leva nas c. l. m. algumas viaturas de munição de infantaria. No mais a cavallaria, sapadores, telegraphistas e aeronautas re-

correm no combate, si necessario fôr, ás mais proximas viaturas de munição da infantaria, e depois do combate ás c. m. de infantaria.

510. Nas metralhadoras levam-se á linha de fogo os trenós de munição; manda-se buscar os vasios, bem como as caixas e as fitas para recarregal-as quanto antes das viaturas de munição. O reabastecimento destas é feito pelas c. m. de infantaria.

511. Uma reserva de munição de revolver é conduzida nas v. m. da tropa e nas das c. m.

512. Os explosivos da cavallaria e dos sapadores reabastecem-se de uma viatura especial conduzida no trem de pontes do corpo de exercito. Essa viatura se reabastece dos depositos de munição.

Artilharia de campanha

513. Todo commandante de artilharia tem o dever de assegurar constantemente o remuniciamento na sua esphera de commando. Alem disso, porém, todos os officiaes e praças empregadas no serviço de remuniciamento devem caprichar em prover de munição a linha de fogo, mesmo que faltem ordens ou pedidos.

517. Por principio, é preciso tratar de levar as v. m. atreladas até tão proximo da linha de fogo quanto o permittam o desenfiamento ás vistas e o fogo do inimigo.

Sendo favoraveis as condições do solo e não muito grande a distancia, o pessoal da c. l. m. pôde impellir a braços os retrotrens até ás peças, aproveitando a cobertura que elles offerecem. Caso isso não seja possível, a munição ha de ser levada a braços ás peças. Em caso de extrema necessidade irão mesmo as viaturas atrelladas á linha de fogo.

Depois do combate o suprimento necessario ás baterias e ás c. l. m. em munição, pessoal, cavallos e utensilios em geral, fornecido pela c. m. de artilharia.

XXXVI. Requisições militares.

Decima segunda carta, 1^a pagina fim : «... requisições feitas por forças de infantaria...» (R. S. C. 472.) Diz esse artigo :

Em territorio inimigo as requisições consti-
tuem o meio mais rendoso do viver do theatro
da guerra. Tanto são feitas pela tropa, nas suas
immediações para a necessidade do momento,
como tambem pelas autoridades administrativas,
em maior proporção.

As requisições pela tropa são sempre feitas
sob a direcção de officiaes, só excepcionalmente
sem elles (patrulhas, etc.). Deve-se tratar de
obter o auxilio das autoridades locaes ou de ha-
bitantes respeitaveis. A disciplina deve ser seve-
ramente mantida e é preciso impedir qualquer
saque ou outro abuso. (*)

(*) Artigo de guerra 17 — Em campanha o soldado não deve esquecer-se de que a guerra só é feita com a força armada do inimigo. Os teres e haveres dos habitantes do paiz inimigo, dos feridos, doentes e prisioneiros de guerra acham-se sob a protecção especial da lei, tanto como a propriedade de compatriotas.

A feitura de presas, o saque, a damnificação ou destruição proposital ou maldiosa de objectos alheios, a oppressão dos moradores são passíveis das mais severas penas.

Não se considera pilhagem a apropriação de viveres, me-
dicamentos, roupas, combustivel, forragem e meios de trans-
porte, desde que se fuude numa necessidade real.

E' preciso evitar tanto quanto possivel que os homens se entendam individualmente com os habitantes.

De tudo que for fornecido deve-se dar consciencioso attestado, si não tiver sido ordenado o pagamento directo.

Cooperação dos officiaes de subsistencia, vide 466.

O numero dos destacamentos de requisição e seu effectivo bem como a amplitude da zona de accão devem ser limitados de modo que não se prejudique o effectivo combatente da tropa.

(Continua)

O cavallo de guerra

(Continuação)

Peito — Deve ser alto, descido, profundo e de largura regular. Para que seja bom, é preciso que a dimensão da cernelha ao sternum «seja mais ou menos igual á metade da altura do animal.» (1) Essa conformação é prova de um peito bem descido, que abriga, portanto, amplos pulmões. E, sem bons pulmões, não ha boa musculatura. «O que é physiologicamente exacto é que o desenvolvimento geral do apparelho respiratorio é directamente proporcionado ao do sistema muscular.» (2)

Para se avaliar a altura do peito do animal, considera-se a altura deste dividida em duas partes: uma cheia, que é o peito, e outra vasia, representada pelas pernas. Cavallos ha em que a parte cheia chega a ser maior que a outra. «O cavallo terá um excellente peito se da cernelha ao sternum a altura fôr maior que dahi ao sólio. Assim, um cavallo de 1,º60 deve ter 0,º85 a 0,º87 para a primeira dimensão e 0,º75 a 0,º73 para a segunda.» (3)

E não são só os pulmões que um peito ampio favorece; é tambem o coração que, sendo bem desenvolvido, projecta, em cada contracção, uma grande quantidade de sangue rico e vivificante em todo o organismo, tonificando-o e aleitando-o.

Costellas — Devem ser longas e arqueadas, signal de peito bem desenvolvido.

Flancos (vasios) — Os franceses chamam-n'os «espelho do peito», porque reflectem os movimentos da respiração. Devem ser pequenos e não reentrantes.

Membros anteriores — *Espadua (pallete)*, *braço, antebraco, joelho, canella, tendões, boleto quartella, pé.*

Espadua (pallete) — Deve ser comprida, musculosa e bem inclinada, o que é favoravel á amplitude dos movimentos. Segundo J. Jacoulet e C. Chomel, nos «bons typos a inclinação da espadua varia de 58º a 68º e a do braço de 45º a 55º.» (4)

Braço — Deve formar com a espadua um angulo de cerca de 95º a 112º para ser favorável á amplitude dos movimentos.

(1) *Traité d'Hippologie*. — Jacoulet et Chomel.

(2) *L'extérieur du cheval*. — Goubeaux et Barrier.

(3) *Connaissance pratique du cheval*. — A. A. Vial.

(4) *Inculta basis, instabile aedificium*, como muito bem diz Gayot, *Achat du cheval*.

Ante-braço — Deve ser vertical, grosso e musculoso na sua parte superior. Deve, além disso, ser longo para cobrir maior porção de terreno em cada um dos seus movimentos.

Joelho — Deve manter-se na vertical que reune o ante-braço à canella e ser comprido e grosso, para poder supportar as pesadas reacções que sofre, principalmente quando o animal galopa.

Canella — Deve ser regularmente grossa, com a pelle como que collada ao osso. Será curta, como consequência do ante-braço longo e, como este, vertical. Os allemães ligam extraordinaria importância à grossura das canellas, na escolha de seus reproductores.

Tendões — Devem ser grossos e bem destacados das canellas, duros e resistentes, quando apalpados.

Boleto — Como o joelho é mesmo mais, porque recebe maior porção de reacções, quando o animal galopa, deve ser forte, bem desenvolvido e manter-se na linha vertical.

Quartella — Erradamente chamada «machinho» entre nós, deve ter uma média, porquanto, sendo alta de mais, é fraca, enquanto torne os movimentos mais macios e, sendo por demais curta, as reacções são duras e incommodas. A quartella representa o papel de uma mola, destinada a amortecer os choques. Deve, portanto, ser bem musculosa. Sua inclinação com a horizontal será de 60°.

Pé (casco) — É uma das partes principaes do cavalo. Autores ha que recommendam que se principie o exame do animal por ahí, para que o examinador se não deixe impressionar por outras bellezas, como, por exemplo, a cabeça, o pescoço, etc., ligando depois importancia secundaria ás qualidades ou aos defeitos do pé. É muito conhecido o dictado inglez «no foot no horse.» (1)

O pé deve ser escuro, mais ou menos côn de ardósia, de bom tamanho, com os talões arredondados, afastados e altos. A sola deve ser ligeiramente concava, e a taipa ou muralha sem fendas, com a inclinação de 45° sobre o terreno. A ranilha será desenvolvida, para bem representar o seu papel de mola, que se abre e se fecha quando o animal pousa ou levanta o pé, o qual se deve manter na linha vertical que passa pelo joelho e pelo boleto.

MEMBROS POSTERIORES — *Anca, coxa, perna, curvilhão, canella, boleto, quartella, pé.*

Anca — Deve ser desenvolvida, longa e musculosa para atirar para a frente a massa do corpo do animal.

Coxa — Tambem musculosa, pelo mesmo motivo, deve ser bem inclinada e longa para favorecer a amplitude dos movimentos.

Perna — Corresponde ao ante-braço e, como tal, deve ser longa, musculosa e, além disso, inclinada para traz, favorecendo assim impulsão-nar o corpo para a frente.

Curvilhão — Mola principal dos membros posteriores, deve ser muito resistente, para o que será largo, visto de lado, e descarnado. Nesse ponto a perna e a canella devem formar um angulo bem aberto de 150° a 160°, segundo Goubaux e Barrier. (2)

Canella — Como a dos membros anteriores, deverá ser vertical e secca, com a pelle como que ligada ao osso, e este grosso e forte.

Boleto — As mesmas considerações feitas para as dos membros anteriores.

Quartella — As mesmas considerações feitas para as dos membros anteriores, com a diferença de que o angulo com o sólo deverá ser de 65°.

Pé — As mesmas considerações feitas para as dos membros anteriores, com a diferença de que agora o pé será menos largo, a sola mais concava e os talões menos elevados.

Côn ou pello — Em todos os paizes ha pellos predilectos. Os arabes dão preferencia ao alazão tostado. Entre nós, o baio é tido como fraco e o tordilho como forte, mas lendo. Entretanto, o que parece provado é que a energia, a coragem, a força, a velocidade e o fundo do animal nada têm com a sua côn, havendo cavallos bons e ruins, desde o negro até o branco, devendo, entretanto, ser rejeitados os de couro branco, porque essa particularidade é proveniente do albino. É conhecida a resposta do velho *entraîneur* a quem perguntaram qual a melhor côn do cavalo. «A do que ganha», respondeu elle. Todavia, para os exercitos são preferidos os animaes escuros: preto, zaino, castanho e alazão, porque os claros: branco, baio, camurça, amarilho, etc., além de mais difficeis de serem limpos, offerecem alvo muito mais visivel ao inimigo.

Altura — Como ficou dito, ha bons cavalos de todas as alturas, como ha bons motores de todos os tamanhos. Em S. Paulo, onde os pastos naturaes são geralmente fracos e no inverno deficientes, onde os caminhos são máos e o homem leve e de estatura mediana, deve ser preferido o «cavalo do meio», mais sobrio que o grande, porque precisa de menos alimento e melhor se adapta aos caminhos difficeis e escabrosos, por ser mais agil, mais geitoso, menos volumoso e menos pesado, dispondo, todavia, da força e da energia precisas para prestar os arduos serviços que delle se reclamam. Além dessas vantagens, não se deve esquecer que um cavalo de estatura regular é mais facil de pensar, de arreiar e de montar que um grande, considerações cuja importancia ninguem contesta. A esse respeito escreveram Gobert e Cagny na sua obra recentemente publicada: (1) «... Em todo o caso é innegavel que, em distancias longas, os cavalos pequenos sempre batem os grandes. A explicação do facto está em que a relação entre a força impulsiva e a massa não é a mesma nos grandes e nos pequenos cavalos e principalmente porque estes são melhor equilibrados e mais proporcionados que os outros». Tambem William Day, o velho e conceituado *entraîneur*, era da mesma opinião, que elle assim externou na sua obra: (2) «Prefiram um pequeno cavalo a um grande, um cavalo bem conformado e de galão curto a um de galão grande. Na verdade um cavalo grande, verdadeiramente bom, será melhor que um cavalo pequeno tambem bom; mas, em regra geral, encontram-se cincuenta cavalos pequenos bons por um unico grande. Em pequenas distancias, é possivel que um cavalo grande bata um pequeno; mas um cavalo pequeno, verdadeiramente bom, baterá sempre o grande em distancias longas.»

Volume — Desde que o animal seja bem musculoso e possua um forte esqueleto, será naturalmente cheio de corpo, condição indispensavel

(1) *Traité d'Hippologie*. — J. Jacoulet et C. Chomel.

(2) *L'extérieur du cheval*. — Goubaux et Barrier.

(1) *Le cheval de course* — H. J. Gobert et P. Cagny.

(2) *Le cheval de course à l'entraînement* — William Day.

quer nos reproductores, quer no *cavallo de guerra*, em serviço.

RESUMO — O tipo superior terá a cabeça descarnada e pequena, o olhar intelligent e expressivo, as orelhas pequenas e convergentes, as ventas abertas, o chanfro direito, a nuca larga, o focinho fino e os beiços ríjos. O pESCOÇO deverá ser ligeiramente convexo ou direito e longo, formando um angulo de cerca de 45° com o horizonte, a cernelha alta, o dorso curto e horizontal, a garupa longa, larga e pouco inclinada, a cauda abundante de pellos e resistente, o peito profundo, descido e amplo, as costeiras longas e arqueadas, os flancos cheios, as palletas inclinadas, os membros dianteiros aprumados, com articulações grossas, os tendões bem destacados, as ancas, as coxas e as pernas bem musculosas, as canellas posteriores tambem aprumadas, as quartellas fortes e os cascos escuros, sem fendas e bem conformados. Será cheio de corpo, de pello escuro e sua altura variará entre 1^m.47 e 1^m.54, sendo preferiveis para a sella os que se conservarem entre 1^m.47 e 1^m.51.

III. Sangue — Acabamos de passar ligeiramente em revista as partes componente do tipo superior do *cavallo de guerra*. Mas, assim como o motor melhor construido nenhum efecto util produzirá, se não for accionado por uma força motriz capaz, assim tambem o cavallo, por mais bem feito que seja, poucos serviços poderá prestar se nas suas veias não correr o que convencionalmente se chama o *sangue*, isto é, se elle não tiver herdado dos seus antepassados um certo grão de excitabilidade nervosa, capaz de dar ás cellulas do seu organismo toda a energia de que elle carece para ser resistente e possuir as preciosas qualidades de fundo e velocidade. «Dous animaes perfeitamente semelhantes quanto á conformação externa, fielmente reproduzidos por um pintor, ou modelados em gesso, poderiam ser muito diferentes no trabalho, quanto ao vigor, á velocidade e á resistencia, ainda que os retratos os mostrassem iguaes na altura, na estructura, no volume, etc.

Pondo de parte a questão de saude e certas outras condições, sempre supostas iguaes, não se encontra a causa das diferenças verificadas, em relação aos serviços prestados, senão no que se convencionou chamar o *sangue* e que a sciencia denomina "acção nervosa". Na preponderancia desta "acção nervosa" reside o mais elevado caracteristico da força (inherente á especie) e classificado como "nobreza" ou "pureza" das raças, isto é a superioridade, a preeminencia e melhor ainda a excellencia e a incontestavel supremacia que distinguem os animaes de *puro sangue*.» (1)

Assim, para que o cavallo seja dotado das boas qualidades que o possam tornar o tipo superior do *cavallo de guerra*, não deve possuir apenas as fórmas correctas que foram descriptas, mas é preciso ainda que, nas suas veias, corra o *sangue* nobre, denominado *puro sangue* e que, desde séculos tem sido cuidadosamente seleccionado, quer na Asia, de onde é originario, quer na Inglaterra, para onde foi primeiramente importado, quer na França, quer em outros paizes, onde os governos dispensam ao aperfeiçoamento do cavallo os cuidados e a protecção que elle merece.

(1) *Achat du cheval*. — Eug. Gayot.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletim do Estado Maior do Exercito, n. 6 vol. X, 1915.

Revista Marítima Brazileira, ns. 1 e 2, Julho e Agosto de 1915.

Santa Cruz, revista de religião, letras, arte e pedagogia. Fasciculos XI e XII, 1915. S. Paulo.

Memorial de Infantaria, revista n. 47, anno IV Madrid.

Boletin del Ministerio de Guerra y Marina ns. 15 e 16, 1915. Lima, Peru.

Memorial del Ejercito de Chile, n. XII, 1915 Santiago.

A. B. C., jornal, ns. 42 e 43.

Manual Flavius, vol. II: Rêde de segurança Vanguarda, Flancoguarda, Retaguarda, vol. II Columna de marcha, Ordens, Partes.

EXPEDIENTE

Por motivo de transferencia para fóra da capital e em obediencia aos nossos Estatutos deixam de pertencer ao grupo mantenedor da Revista os nossos presados companheiros Bartholo Klinger, Lima e Silva e Pompeu Caviganti, estando já preenchidas as suas vagas grupo e na directoria.

Assegurada como está a vida da Revista, dependente de contingencias pessoais, torna facil, á nova directoria, a tarefa que ora lhe cabe de continuar pugnando pelos ideias que nos congregaram, sempre com absoluta lealdade e elevação de vistos.

**

Art. 7º dos Estatutos — Aos redactores efectivos cabe a responsabilidade da edição, a collaboradores a das opiniões que emittirem e seus artigos.

**

Os extravios causados por falta de comunicação oportunas das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

**

Distribuimos com este numero a *18º C de Griepenkerl*.

Será interessante confrontar com ella o art. "A fortificação de campanha na França" publicado no nosso n. 18, anno 2º, pag. 182, em que é examinada a situação historica de 1870 a se refere Griepenkerl nessa carta.

**

Por absoluta falta de espaço tivemos de tirar da paginação, á ultima hora, as instruções sobre o «Fuzil Mauser M. 1908.»

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus collaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — 1.º Tte E. Leitão de Carvalho.
Gr. E. M. — 1.º Tte Arnaldo D. Vieira.
D. G. — Cap. J. A. Coelho Ramalho.
G. 2 — Cap. M. H. da Costa Santos.
G. 4 — 1.º Tte A. C. Pitta.
D. A. — Coronel Príncipe.
3. D. — 2.º Tte Columbano Pereira.
IV R. — 1.º Tte A. G. de Souza Mendes.
4. Br. C. — 1.º Tte O. Villa Bella e Silva.
6. Br. I. — Cap. Barros Barreto.
Br. Pol. — 1.º Tte M. Castro Ayres.
1º R. I. — 1.º Tte J. F. Jucá.
2º R. I. — 1º Tte Octaviano Gonçalves.
3º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52º Caç. — 1.º Tte Maciel da Costa.
56º Caç. — 1.º Tte Corbiniano Cardoso.
1º Cia. Metr. — 2º Tte A. Cesar da Cruz.
Arsenal — Major Heitor C. Borges.

1º R. Cav. — Aspirante Oswaldo Rocha.
13º R. Cav. — 2º Tte Sylvestre Mello.
5º Br. I. — 1.º Tte Jucá.
1º E. Trem — 2.º Tte Cedar Marques da Silva.
1º R. A. — 1.º Tte Manoel de B. Lins.
2º G. Art. — Aspirante Mário Teixeira Netto.
3º G. Ob. — 2.º Tte Fiuza de Castro.
1º Bat. Art. — Cap. F. Escobar de Araujo.
2º Bat. Art. — 1º Tte Octaviano Leão.
Copacabana — 1.º Tte F. J. Pinto.
1º Bat. Eng. — Tte Procopio de Souza Pinto.
Comm. Fortificação — 1.º Tte J. Francisco Duarte.
E. M. — Realengo, Sr. Agenor Carlos Brandão
Alumno Thimotheo F. Machado.
E. E. M. — P. Vermi., 1.º Tte Eloy de S. Medeiros.
Coll. M. — 2.º Tte Q. de Castro e Silva.
2.º Tte Maximiliano Fonseca (interino)
Fabr. Realengo — 1.º Tte Freire de Vasconcellos.

Fóra do Rio de Janeiro

47º Caç. — Belém, Aspirante Tristão Araripe.
50º Caç. — Bahia, 2.º Tte Leal de Menezes.
53º Caç. — Lorena, Capitão F. Vasconcellos.
5º R. Cav. — S. Luiz, Tte Cel. Leovigildo Paiva.
11º R. Cav. — Bagé, 1º Tte L. Almada Rodrigues.
15º R. Cav. — Aspirante Manoel Brilhante.
Coll. Barbacena — 1º Tte Eduardo C. de A. Sá.
Coll. P. Alegre — 1.º Tte Vicente da Fonseca.
S. Gabriel — 1.º Tte Glycerio Gerpe.
VI Reg. — Capitão O. G. de Senna Braga.

VII Reg. — 1.º Tte Amaro Villa Nova.
43º B. Caç. — Ipanema, Capitão Evandro E. S. Lima.
6º B. Art. — Bahia, Tte Cel. Pimenta.
5º G. Ob. — R. Grande, 1º Tte J. Eraldes de Oliveira.
16º Grupo — Major Ramiro Souto.
18º Grupo — Bagé, 1º Tte Salvador Obino.
Fabr. de Piquete — 1.º Tte Antonio R. de Rezende.
Fabr. Estrela — 2º Tte Maciel da Costa.
10º R. I. — 2.º Tte Boanerges Marquesi.

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado ao mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos adiantadamente com o ultimo numero da assignatura. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.

CAIXA POSTAL 1602